



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA-POLO SOURE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS- FAECS

RITA DE CÁSSIA SANTANA DE MATOS

**MANIFESTAÇÕES DE BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: Uma análise pertinente.**

SOURE  
2023

RITA DE CÁSSIA SANTANA DE MATOS

**MANIFESTAÇÕES DE BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: Uma análise pertinente.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela Faculdade de Educação e Ciências Sociais-FAECS da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Soure.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Crisolita Gonçalves dos Santos Costa.

SOURE

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

M425m Matos, Rita de Cássia Santana de.  
Manifestações de bullying em uma escola pública do ensino  
fundamental : uma análise pertinente / Rita de Cássia Santana de  
Matos. — 2023.  
51 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Crisolita Gonçalves dos Santos Costa  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Pedagogia, Abaetetuba, 2023.

1. Práticas comportamentais. 2. Violência escolar. I.  
Título.

CDD 372

---

A minha mãe, fonte de inspiração e razão da  
minha existência.

*In memoriam*, por meu Pai João Teixeira e a  
Adriano Silva. Meu coração dói, mas o céu tem  
sorte em tê-los.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus nosso Senhor, a Virgem Maria que me capacitaram que pudesse trilhar esse caminho.

A minha mãe que esteve ao meu lado em todos os momentos, minha maior inspiração. Aos meus irmãos que me ajudaram sempre, em especial a minha irmã Adriana Matos, sem ela eu nem teria começado a graduação, agradeço imensamente a família Lobo, pais do meu cunhado Givanildo Lobo na pessoa do Sr. Rosemir que me acolheram em sua casa para que eu pudesse estudar. A uma pessoa muito especial, Rubens dos Santos por todo incentivo e todo apoio que sempre me deu para que eu seguisse meus sonhos.

Aos meus colegas de curso por todo conhecimento compartilhado ao longo desses cinco anos, em especial, agradecer aos companheiros de Salvaterra, Ariclê do Socorro, Gilberto Carvalho, Fabiano Frota, Rosane Rabelo, Fernando José e Karla Malato, não foram fáceis as travessias, mas nós conseguimos meu povo.

Aos meus amigos de equipe “Loucos pra sair e mamãe UFPA não deixa” que foram minha equipe de trabalho durante todos esses anos, e se transformaram em amigos, Silena Martins, Yasmim Gonçalves, Leida Lira, Bianca Pantoja, Leonardo Leal e de maneira muito, muito especial, Fabrício Leal e Felipe Oliveira, vocês foram e são muito mais que amigos na minha vida, meus irmãos de pais diferentes, amo vocês.

A direção da escola onde trabalho desde 2021, na pessoa do diretor Edvaldo Júnior que todas as vezes que eu precisei me ausentar por conta dos meus estudos, sempre obtive liberações, pela escola ter cedido folga para eu pudesse concretizar a escrita desse TCC, a toda equipe de trabalho que sempre me incentivaram a busca pelo conhecimento. Agradecer os alunos da escola em questão que toparam participar dessa pesquisa.

Agradeço imensamente a minha Orientadora, Crisolita Costa por todo conhecimento compartilhado, toda ajuda e dedicação, sem ela eu não teria concretizado essa etapa.

Aos professores que passaram por nossa caminhada acadêmica, em especial aqueles que não eram da faculdade, mas estiveram conosco compartilhando conhecimentos.

Por fim, agradecer ao Campus de Abaetetuba pela parceria com o Campus de Soure para ofertar essa licenciatura, obrigada!

“Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não tornar-se também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você”.

(Friedrich Nietzsche, 2005).

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas comportamentais de estudantes de uma escola pública municipal e se essas caracterizam-se ou não como *bullying*. Partindo dos seguintes questionamentos: quando as práticas comportamentais da adolescência tornam-se violência na forma de *bullying*? Quais são os impactos desse fenômeno na vida dos sujeitos envolvidos? A pesquisa é de cunho qualitativo, a partir da pesquisa de campo e da utilização de questionários para obtenção dos dados. Para o desenvolvimento mais satisfatório, serviram de aportes teóricos os estudos de Silva (2010), Souza e Almeida (2011), Fante (2005), dentre outros. A pesquisa revelou que, as manifestações ocorrentes na escola pesquisada, classificam-se como práticas do fenômeno *bullying*, revelou também, que no contexto educacional, existem poucas produções científicas sobre esse fenômeno, tendo vastas produções voltadas ao contexto clínico, psicológico, e referente a escola que é onde se propaga, o acervo é limitado. A prática do *bullying* é muito grave, e não deve jamais ser encarada como “brincadeira”, as consequências geradas por esse fenômeno são devastadoras e algumas, irreversíveis, como o homicídio e suicídio.

**Palavras-chave:** bullying; práticas comportamentais; violência escolar.

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze the behavioral practices of students at a municipal public school and whether or not these are characterized as bullying. Starting from the following questions: when do adolescent behavioral practices become violence in the form of bullying? What are the impacts of this phenomenon on the lives of the individuals involved? The research is qualitative in nature, based on field research and the use of questionnaires to obtain data. For a more satisfactory development, the studies by Silva (2010), Souza and Almeida (2011), Fante (2005), among others, served as theoretical contributions. The research revealed that the manifestations occurring in the researched school are classified as practices of the bullying phenomenon, it also revealed that in the educational context, there are few scientific productions on this phenomenon, with vast productions focused on the clinical, psychological context, and in relation to school, which is where it spreads, the collection is limited. The practice of bullying is very serious, and should never be seen as a “joke”, the consequences generated by this phenomenon are devastating and some are irreversible, such as homicide and suicide.

**Keywords:** bullying; behavioral practices; school violence.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>BULLYING, COMPREENDENDO O FENÔMENO COMO PROBLEMA SOCIAL</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DE MANIFESTAÇÕES DE BULLYING.....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS NA ESCOLA EMEFQMLLC.....</b>	<b>19</b>
<b>4.1</b>	<b>A escola como objeto de estudo.....</b>	<b>19</b>
<b>4.2</b>	<b>Perfil dos estudantes da escola EMEFQMLLC.....</b>	<b>22</b>
<b>4.3</b>	<b>Manifestações Comportamentais dos estudantes na escola EMEFQMLLC.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS ESTUDANTES DA</b>	<b>47</b>
	<b>EMEFQMLLC.....</b>	
	<b>APÊNDICE B – FOTOS DA ESCOLA PESQUISADA.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos um momento em que a intolerância está cada dia mais presente em nossa sociedade, e é na escola em que muitos casos dessas situações se manifestam com mais intensidade. Diante disso, o presente estudo tem como foco principal abordar sobre manifestações comportamentais de estudantes de uma escola pública do ensino fundamental e se essas se caracterizam como *bullying*.

De acordo com a lei nº 13.185 de 6 de Novembro de 2015<sup>1</sup>, “*bullying* é todo ato de violência física ou psicológica praticada de maneira intencional e repetitiva que ocorre sem motivação evidente”. Dessa forma, busca-se compreender quando essas práticas comportamentais características da adolescência tornam-se *bullying* e quais os impactos desse fenômeno na vida dos sujeitos envolvidos.

A partir de estudos realizados na área da psicologia e da educação, essa pesquisa discute as manifestações comportamentais de adolescentes em uma escola do ensino fundamental, buscando entender e/ou identificá-las ou não, como *bullying*. Visando abordar a problemática sobre quando as manifestações comportamentais que ocorrem em uma escola de ensino fundamental podem ser identificadas como *bullying*, e quais os impactos desse fenômeno na vida dos envolvidos.

A pesquisa justifica-se no primeiro momento, por acreditar na escola como instituição capaz de promover a transformação social e tem a educação como fator para essa transformação do sujeito. A Pedagogia é a área de conhecimento que tem como objeto de estudo a educação em suas diversas faces, diante desse aspecto, proponho analisar as manifestações comportamentais de adolescentes, a partir de vivências na escola pública municipal EMEFQMLLC<sup>2</sup>, em que atuo como auxiliar de secretaria desde o ano de 2022, onde tornaram-se cotidianas as ocorrências e relatos de possíveis casos de *bullying* entre os estudantes especialmente no turno da manhã.

A situação que inquietou a pesquisar sobre essas manifestações, foi o relato de uma estudante do 7º ano do turno da manhã que foi a secretaria relatar que duas colegas da sala à estavam excluindo de todos as interações da sala de aula. Ao conversamos com as adolescentes

---

<sup>1</sup> Lei Nº 13.185 de 6 de Novembro de 2015, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**). Sancionada e decretada pelo Congresso Nacional na presidência de Dilma Rousseff.

<sup>2</sup> O nome da escola será representado por sua sigla.

sobre a situação, uma das estudantes respondeu “[...] *o problema, é que ela (a vítima) acha que o mundo gira em torno dela. Ninguém pode falar que tudo ela chora. Eu já falei pra ela parar com isso, que nem sempre o mundo vai ser gentil com ela e ela tem que saber lidar com isso. E outra coisa, ela também mexe com a gente, depois não aguenta*” (Palavras da estudante Y). A estudante no lugar de vítima, relatou que sofria constantemente com apelidos dos mais variados como, “cabelo de bombрил”, “macumbeira”, “chorona” entre outros. A estudante estava com sua saúde mental bastante afetada devido a esses episódios, chegando até mesmo a se machucar fisicamente, e tocou-me de maneira pessoal, visto que há alguns anos me encontrava em situação semelhante quando estudei o ensino fundamental. A situação da estudante foi revertida, seus responsáveis foram chamados, e as três estabeleceram uma relação de amizade após conversarem sobre a situação.

É preciso ressaltar que academicamente, a discussão da temática apresentada a partir desta pesquisa, pode nortear vários outros projetos relacionados a esses conceitos, bem como aumentar o acervo, e acrescentar conhecimento sobre *bullying* no âmbito educacional. Em uma perspectiva social, esta pesquisa, poderá trazer conceitos extremamente relevantes, visto que, a educação transforma realidades, modela vidas. Ouso dizer que quanto mais pessoas educadas, certamente a sociedade seria mais tolerante.

É na escola que os adolescentes tendem a passar boa parte do seu tempo, nesse ambiente são estabelecidas relações de convivência, e nessas relações algumas vezes tendem a ter atritos entre os pares, os adolescentes passam pela fase da puberdade onde enfrentam mudanças tanto físicas, quanto hormonais. Essas mudanças interferem e influenciam diretamente nas manifestações comportamentais dos indivíduos, em tons de brincadeiras, alguns comportamentos podem ofender e machucar.

Com isso questiona-se, quando essas práticas comportamentais características da adolescência tornam-se violência na forma de *bullying*? Quais são os impactos desse fenômeno na vida dos sujeitos envolvidos? E como meninos e meninas compreendem o fenômeno? Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar se as manifestações comportamentais de estudantes de uma escola pública do ensino fundamental caracterizam-se como *bullying*. De forma mais específica, buscou-se: Discutir as manifestações de *bullying* no contexto educacional; Compreender quais os impactos de manifestações de *bullying* para a saúde mental e descrever a percepção de meninos e meninas acerca de manifestações de *bullying*.

A pesquisa está classificada como qualitativa, que como bem aponta Gil (2002), neste tipo de pesquisa, a análise é menos formal, depende de muitos fatores, como a natureza dos

dados, a extensão da amostra, entre outros. Podemos definir esse processo como sequência de atividades que envolve a redução dos dados até chegar a redação do relatório.

A respeito do tipo de pesquisa, “É sabido que toda e qualquer classificação se faz mediante algum critério. Com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais” (Gil, 2002, p. 41). Desse modo, a pesquisa está classificada como explicativa, que tem como preocupação central identificar os fatores que determinam, ou que contribuem para a ocorrência do fenômeno, explicar o porquê das coisas, explicar a razão (Gil, 2002). Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (Gil, 2002, p. 42).

Ainda segundo Gil (2002), o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados, dentre esses temos a pesquisa de campo, que será utilizada para delimitar a pesquisa aqui realizada. A pesquisa de campo, segundo Severino (2014) é aquela em que o pesquisador coleta os dados nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, diretamente observados, sem intervenção por parte do pesquisador. A pesquisa de campo é condição essencial para o desenvolvimento da pesquisa aqui desenvolvida, por meio dela é possível compreender os assuntos abordados em um contexto mais específico, o pesquisador desenvolve análises com base na observação, é a *práxis* sendo exercida. Segundo Severino (2014), a observação é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados

Quanto à coleta de dados, se dará por meio de questionários que foram aplicados para 116 (cento e dezesseis) estudantes, distribuídos em 8 (oito) turmas do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino do 6º ao 9º ano, os sujeitos da pesquisa são os estudantes da escola EMEFQMLLC. O questionário, “é o conjunto de questões sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo” (Severino, 2014, n.p.). Foi utilizado também, documentos cedidos pela própria instituição para análise, como Atas de reuniões pedagógicas e o Livro de Ocorrências.

O tratamento de dados se dará por meio da análise do conteúdo que como aponta Severino (2014) é uma metodologia de tratamento de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens, sejam escritos, orais, imagens... etc. Trata-se de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações. A pesquisa está dividida em **três capítulos**, onde no primeiro será tratado acerca do conceito e definições do fenômeno *bullying*, o segundo aborda os impactos do fenômeno

para a saúde mental e psicológica e por fim, o terceiro capítulo abrange a análise da pesquisa acerca dos sujeitos envolvidos, a escola como objeto de pesquisa e percepção de meninos e meninas sobre o fenômeno.

Diante desta visão, para um desenvolvimento mais satisfatório da pesquisa aqui desenvolvida, em minhas revisões bibliográficas, busquei embasamento em diversas produções científicas sendo a autoria em destaque de Cleo Fante e Ana Beatriz Silva no que tange ao fenômeno *bullying*. Pereira et al (2022) destaca-se ao discutir a legislação brasileira de enfrentamento ao *bullying*, analisando a natureza das normas, para assim, constatar se as leis são de caráter punitivo, preventivo ou informativo.

Ana Beatriz Silva (2010), desenvolveu por meio do Conselho Nacional de Justiça, a Cartilha *bullying* professores e profissionais da escola, onde alerta sobre a necessidade de as escolas identificarem e prevenirem o fenômeno nas instituições educacionais.

Souza e Almeida (2011) buscam esclarecer os fatos relacionados ao *bullying* escolar, pois o conhecimento do tema pelos profissionais da educação é indispensável para o efetivo combate ao fenômeno, julgando necessária a orientação as famílias e a toda a sociedade para o enfrentamento a esta que é a forma mais frequente de violência juvenil.

Cleo Fante (2005), propõe uma discussão acerca do fenômeno, objetivando esclarecer de forma clara e concisa o que é o *bullying*, suas causas, consequências, bem como os atores envolvidos. Alinhados a esses autores, trago aportes de marcos legais que viabilizam a conscientização e conhecimento acerca das manifestações comportamentais do fenômeno aqui evidenciado, o *bullying*.

## 2 BULLYING, COMPREENDENDO O FENÔMENO COMO PROBLEMA SOCIAL.

De forma conceitual, *bullying*, classifica-se como todo ato de violência física ou psicológica praticada de maneira intencional e **repetitiva**, a classificação também envolve qualquer ato de ataque como insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos entre outros que ocorrem sem motivação evidente. (Lei nº 13.185/2015, Grifo nosso).

O termo é utilizado para qualificar comportamentos agressivos praticados, neste caso, no âmbito escolar. Refere-se aos atos de violência que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais estudantes e que não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em outra instância, significa dizer que ocorre quando alguém ou alguns, normalmente com características mais frágeis, são utilizados como meros objetos de diversão, prazer e poder, apenas pelo intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar (Fante, 2005, *apud* Santos *et al*, 2014, p. 279).

Em linhas gerais, Santos *et al.* (2014), descreve que se trata de atos intimidadores, constrangedores, praticados intencionalmente com o único objetivo de se sobrepor ao outro estabelecendo uma relação de desequilíbrio de poder entre opressor e oprimido.

Essas situações comportamentais são comumente praticadas no âmbito educacional, é na escola onde essas situações comportamentais se propagam com mais evidência, o ambiente educacional- especialmente do Ensino fundamental, anos finais (6º ao 9º ano) - coincide com a adolescência, fase biológica de transição do indivíduo entre a infância e idade adulta<sup>3</sup>, onde ocorrem mudanças físicas e mentais em razão das alterações hormonais.

Para alguns especialistas como a professora de psicologia e psicanalista de crianças e adolescentes Ciomara Shneider (Brasil, 2018), nesta fase, os sujeitos começam a se descobrir, logo os diferentes se tornam motivo de “chacota ou brincadeiras”, alerta porém, que as escolas e as famílias precisam atentar-se a essas situações. De acordo com a professora, este público está mais suscetível a estas situações, pois estão mais retraídos, estão se redescobrimdo enquanto indivíduos, logo dificilmente dialogam com a família encontrando apoio em amigos.

Os casos de *bullying* começam muito mais silenciosos e, por isso, são mais graves. Quem sofre a agressão não conta nem na escola nem na família, mas começa a mudar o comportamento. [...] queda no rendimento escolar, faltas na escola e mudanças no comportamento são os sinais mais frequentes apresentados por quem sofre esse tipo de violência. Por isso, família e escola devem estar sempre atentos para os sinais que são apresentados pelos jovens (Brasil, Ministério da Educação, 2018, n/p).

---

<sup>3</sup> O Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, dispõe que considera-se criança para os efeitos da lei a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

É preciso ressaltar que são comuns entre os adolescentes certos estranhamentos e por consequência à exclusão daqueles que não se adequam ao padrão de determinado grupo (jeito de vestir-se, estereótipo corporal, entre outros) e esses estranhamentos ocasionam relações de brincadeiras, chacotas que são próprias do amadurecimento do indivíduo (Fante, 2005). Porém, quando essas brincadeiras se tornam repetitivas, com o objetivo de constranger, humilhar, pode-se tratar de *bullying*, e esse ato de violência tem grande impacto na vida dos envolvidos (Silva, 2010).

Em sua gênese, o termo *bullying* é de origem inglesa e apresenta algumas definições:

[...] quanto ao significado, a palavra *Bullying*, de acordo com o dicionário Oxford (2010) deriva do inglês *bully* que apresenta duas definições: como substantivo e como verbo. Como substantivo o termo *bully* significa agressor e como verbo significa intimidar, ficando seu derivado *bullying* definido como comportamento agressivo. Além do mais, podem ainda ser encontradas outras definições para o termo *bully* como: valentão, brigão, brutal, tirano, insolente e também verbos como: maltratar e ameaçar (Souza e Almeida, 2011, p. 183).

A Cartilha Nacional de Justiça (CNJ) instituída em 2010, por meio do projeto “Justiça nas escolas”, de autoria da médica psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva<sup>4</sup>, configura o termo *bullying* como sendo um termo pouco conhecido no Brasil. De origem inglesa, não possui tradução literal ainda em nosso país. Associa-se a comportamentos agressivos praticados repetidamente sem motivação aparente, geralmente no âmbito educacional. “[...] Significa dizer que, de forma ‘natural’, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, como o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar vítimas” (Silva, 2010, p.7).

O Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>5</sup>, dispõe no Art. 5º que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” e reafirma com o Art. 7º “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” (Brasil, 1990). Com efeito, a prática de manifestações de *bullying* no ambiente educacional ou

<sup>4</sup> **Ana Beatriz Barbosa Silva**, Médica psiquiatra, diretora técnica da Medicina do Comportamento SP e RJ, escritora e autora de diversos livros, entre eles o livro “**BULLYING: Mentis Perigosas nas Escolas**”

<sup>5</sup> **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Sancionada e promulgada pelo Senado Federal

em qualquer outro local fere o que está disposto na lei acima citada, onde destaca-se para fins de confirmação:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor (Brasil, 1990).

O Art. 5º da Constituição Federal (Brasil, 1988) versa sobre os direitos fundamentais garantidos a toda pessoa, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, o Art. 3º dispõe no inciso IV como objetivo fundamental da República Federativa do Brasil “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de **discriminação**” (Brasil, 1988, grifo nosso). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96) corrobora no Art. 12º ao destacar que cabe aos estabelecimentos de ensino:

IX- promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas; (Incluído pela Lei nº 13.663, de 2018).

X- estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas. (Incluído pela Lei nº 13.663, de 2018). (Brasil, 1996).

Note que, o *bullying* é um fenômeno que preocupa a sociedade brasileira, tanto que se promulgou parâmetros legais que versam sobre a necessidade de se discutir esse tema nas escolas, como uma estratégia de contenção do problema. As discussões acerca do fenômeno não são novas, Dan Olweus importante pesquisador norueguês, na década de 1970 iniciou pesquisas sobre o comportamento estabelecido nas relações entre pares, atentando-se as características agressivas e violentas e passou a se preocupar com as possíveis consequências provocadas pelo fenômeno, no Brasil as pesquisas sobre este começaram por volta dos anos 2000 (Lisboa *et al.*, 2009). Com efeito, mesmo que as discussões sobre o assunto tenham começado a algumas décadas, somente nos últimos anos impulsionadas pelas mídias, começaram a ficar mais evidentes e por consequência ganhar mais espaço dentro das escolas e da sociedade, pois observa-se que o fenômeno pode desencadear situações com maior gravidade, e em alguns casos, as consequências podem ser irreversíveis para quem as vivencia, com isso as discussões acerca dessas manifestações precisam ter mais espaço principalmente no meio educacional.

### 3 OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DE MANIFESTAÇÕES DE BULLYING

O *bullying* é um fenômeno de grande impacto negativo na vida daqueles que vivenciam, de acordo com informações contidas no site do Ministério da Educação (2018), o desenvolvimento positivo das crianças e adolescentes é inibido, provocando em muitas vítimas tendências a depressão, estresse pós-traumático e, em casos mais extremos, ideias suicidas, entre outros sofrimentos. Como identifica Santos *et al.* (2014, p. 279) “Há algum tempo, o fenômeno *bullying* tem ganhado destaque na mídia que vem relatando situações graves que resultaram em mortes, traumas e suicídios de estudantes”.

Em março de 2019 foi destaque nas mídias um ataque a escola de Suzano/SP, dois jovens invadiram a Escola Estadual Raul Brasil com armas de fogo vitimando 7 pessoas, um dos atiradores matou o companheiro e após, cometeu suicídio. Os jovens tinham 25 e 17 anos, a motivação para o atentado, segundo a polícia, era que os jovens atiradores teriam sofrido *bullying* quando estudaram na escola (Rede Globo de televisão).

As consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões [...]

[...] Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola, problemas psicossomáticos, problemas comportamentais e psíquicos como transtornos do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada entre outros. O *bullying* também pode agravar problemas preexistentes devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves podem se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio (Silva, 2010, p. 9).

Muitos estudiosos, afirmam que o *bullying*, é uma das formas mais cruéis de violência, isto porque, seus danos psicológicos permanecem a longo prazo, faz de suas vítimas reféns do medo, e em alguns casos seus agressores levam as vítimas a confirmarem uma máxima de Paulo Freire (2011) em pedagogia do Oprimido, “o sonho do oprimido é ser **opressor**”. Com isso, é interessante frisar que as consequências psicológicas não são exclusivas à vítima, mas que o agressor também sofre danos psicológicos. E que em alguns casos, a agressão se dá a partir desse princípio.

O autor também **pode** ser vítima do *bullying*, ele reproduz em suas atitudes a violência de que é vítima em outros ambientes. A violência que pratica com os colegas pode esconder problemas de insegurança e de relacionamento social, influenciadas por

situações violentas vividas ou experimentadas em outros ambientes onde foi vítima de rejeição, humilhação e exclusão (Siefert, 2008, p. 22, grifo nosso).

Recentemente, no dia 12 de outubro de 2023 o site de notícias da Rede Globo de televisão (Rede Globo, 2023), noticiou o caso de um adolescente de 14 anos de idade, que desferiu golpes de faca contra quatro jovens da mesma idade em frente a uma escola particular em Poço de Caldas, Sul de Minas Gerais. Em depoimento à polícia, o adolescente que havia estudado na escola até 2021, confessou que o alvo era os alunos da turma onde havia estudado pois, sofria *bullying* por parte dos colegas. Como não os encontrou, aguardou a saída dos alunos e concretizou o ataque, onde uma pessoa evoluiu a óbito, e outras três ficaram feridas. O estudante já teria um histórico de agressões, segundo a polícia o adolescente já havia agredido a própria mãe.

Para Fante (2005 *apud* Siefert, 2008, p. 22) [...]

[...] Provavelmente, o aluno que vitimiza os colegas procura inconscientemente com essa atitude uma maneira de reproduzir os comportamentos agressivos introjetados pelos modelos educativos ou quem sabe chamar atenção para que alguém o perceba, ouça, compreenda e que possa vir em seu auxílio.

Como foi destacado no excerto anterior, as práticas do fenômeno *bullying* ocasionam uma série de consequências, tanto para quem pratica, como principalmente para quem é vítima. Nos últimos anos, a mídia brasileira tem chamado atenção para os ataques de violência cometidas contra as escolas, onde em uma certa parte dos casos, esses atentados são motivados e impulsionados por *bullying*.

De acordo com o Ministério da Educação (Brasil, 2018), nos últimos anos o *bullying* e a violência nas escolas tem se revelado grandes problemas, que escolas, famílias, governos e sociedade em geral precisam combater. O governo brasileiro instituiu o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *bullying* e a violência nas escolas (Lei Nº 13.277/2016) o dia está relacionada a tragédia que ocorreu em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso de Oliveira, no bairro do Realengo-RJ vitimando fatalmente 12 crianças, e deixando 10 estudantes feridos (Brasil, 2016).

É importante lembrar que nem todas as consequências do *Bullying* resultam em tragédias, como as citadas acima, no entanto, as agressões sempre causam sofrimento, interferindo drasticamente nos processos de aprendizagem e socialização, podendo deixar graves sequelas emocionais (Souza e Almeida, 2011, p. 182).

Como aponta Fante (2005) e Siefert (2008) sofrem por consequências psicológicas tanto autores como as vítimas. Ansiedade, depressão, fobia, tendências suicidas, comportamentos agressivos são apenas alguns dos tantos problemas psicológicos enfrentados por quem vivencia essas atitudes. As consequências do *bullying* permanecem a longo prazo, Silva (2010) frisa que pessoas que presenciaram, sofreram ou praticaram o fenômeno em algum momento da infância ou adolescência precisam fazer terapia para superar e/ou conviver com os vários problemas psicológicos adquiridos, como ansiedade, síndrome do pânico, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), depressão, fobia social, timidez excessiva, entre outros, quando esses sofrimentos não conseguem ser superados, desencadeiam consequências mais severas como problemas com álcool, drogas, homicídio e o suicídio.

Quando analisamos sobre as consequências *bullying*, é imediato pensar na vítima como sendo a mais prejudicada, porém, sob um olhar clínico ambas as partes envolvidas sofrem essas consequências. Autores muitas vezes projetam em suas vítimas situações que já sofreram, ou que o levam a desenvolver tais comportamentos como violência familiar, negligência e abandono, é preciso salientar que o fenômeno aqui pesquisado é muito grave, as chamadas “brincadeiras” tem consequências devastadoras, a prática do *bullying* precisa ser compreendida enquanto violência e não como mera vitimização (Lisboa *et al.*, 2009). Por isso, buscar o conhecimento acerca do fenômeno é necessário em todos os âmbitos, especialmente no educacional.

## 4 MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS NA ESCOLA EMEFQMLLC

De maneira geral, esta pesquisa propõe compreender a partir da análise dos dados obtidos por meio de um questionário, se as manifestações comportamentais dos adolescentes de uma escola pública municipal podem ser caracterizadas como *bullying*, ou se revelam ser apenas comportamentos característicos da adolescência. Este capítulo, versa sobre os dados em relação a essas manifestações dos estudantes da escola pesquisada e por conseguinte, qual a percepção acerca do fenômeno segundo a visão de meninos e meninas.

### 4.1 A escola como objeto de estudo

O lócus da pesquisa, foi a Escola pública Municipal EMEFQMLLC que está localizada no espaço rural do município de Salvaterra-Ilha do Marajó, localiza-se a cerca de 16km da sede do Município, e está em território remanescente de Quilombo, atende 18 comunidades rurais, entre quilombolas e do campo. Oferta o Ensino fundamental do 4º ao 9º ano, conta com o serviço de Educação Especial e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Segundo a última verificação do Censo escolar Setembro/2023, a escola está com 210 alunos matriculados frequentes, distribuídos em 10 turmas do 4º ao 9º ano do Ensino fundamental, divididos em dois turnos (Matutino e Vespertino).

A escola dispõe do Projeto Político Pedagógico (PPP) atualizado e a disposição para eventuais consultas. Ressalta-se que para Veiga (1998) o PPP é, portanto, um produto específico que insere a realidade da escola dentro de um contexto mais amplo que a influencia e que pode ser por ela influenciado. Com isso, esse documento é a base para o desenvolvimento e organização do trabalho pedagógico exercido na escola.

O PPP da escola EMEFQMLLC, foi construído e reformulado com a participação de toda comunidade escolar e seus agentes educacionais. O Corpo escolar é formado por 40 servidores entre docentes e não docentes, sendo 01 Diretor, 01 Vice-diretor, 02 Técnicas Educacionais, 01 Secretária, 02 Auxiliares, 02 professoras do Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE), 02 professoras dos anos iniciais (4º e 5º ano), 14 professores dos anos finais, 02 Merendeiras, 02 Serventes, 01 Agente de portaria, 02 profissionais de Serviços gerais, 03 Vigias e 05 Cuidadoras. A escola conta com cerca de 53% do seu quadro funcional de servidores efetivos.

Quanto a estrutura física, o prédio pertence à Prefeitura Municipal de Salvaterra, foi fundada em 22 de Janeiro de 2011, conta com 1000 m<sup>2</sup> (mil metros quadrados) de área total,

sendo 100 m<sup>2</sup> (cem metros quadrados) de área verde. Apresenta um pavimento com três blocos, onde possui 10 salas de aula, 01 secretaria, 01 sala da direção, 01 sala dos professores, 01 sala de leitura, 01 sala do SAEE, 01 quadra de esportes, 01 arena de areia, 01 cozinha com despensa, 01 lavatório, 02 banheiros com 08 box cada (Masculino e Feminino) e um espaço coberto para o intervalo dos estudantes.

Segundo os últimos dados do Censo Escolar (Censo Escolar, Inep 2019), o Índice de Desenvolvimento Educacional (IDEB) da escola foi de 3.6, onde o projetado era de a média de 4.0 (Fonte: IDEB 2021, INEP). Com relação a taxa de rendimento escolar dos estudantes, os dados de 2022 mostram ser satisfatório, o índice de aprovação da escola que foi de 87,8 % dos anos finais, com o índice de reprovação de 4,4% e de 7,8% de abandono (INEP, 2022). Nesse sentido, é interessante destacar o perfil dos estudantes sujeitos dessa pesquisa, a escola está situada em uma comunidade remanescente de quilombos, e recebe sujeitos de outras comunidades quilombolas e do campo. São filhos de agricultores, (o cultivo do Abacaxi e da Mandioca são predominantes na região), pescadores, extrativistas (predominantemente tiradores de Açai), onde muitos desses estudantes ajudam os pais nessas atividades para contribuir no sustento da família e próprio.

Ressalta-se que a faixa etária dos estudantes da escola pesquisada é de 09 a 17 anos, portanto, se levarmos em consideração o que está disposto no Art. 60º do ECA, “é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.” essa prática de ajudar os pais no trabalho braçal configura-se como trabalho infantil, os responsáveis desses alunos em sua maioria não tem o conhecimento sobre a criminalização do trabalho exercido por seus filhos, pois tal prática é comum na região, por tratarem-se de famílias predominantemente com um baixo poder aquisitivo, onde a única fonte de renda vem dessas atividades, algumas famílias contam com os benefícios do governo porém não é suficiente para manter seu sustento como esclarece um trecho extraído do PPP da instituição.

A Escola [...] atende uma população carente de alunos, sendo que muitos não possuem recursos dignos para uma boa alimentação, saúde e para moradia adequada. Desta forma, para estas famílias, nem sempre o estudo é prioridade na vida dos filhos. Um percentual dos alunos (em torno de 10%) apresenta um elevado número de faltas e alguns desistem da escola, muitas vezes para trabalhar na roça e na pesca, pecuária e extrativismo, ajudando assim no custeio e manutenção do lar (Projeto Político Pedagógico, 2022, p. 13, não publicado).

Alguns desafios enfrentados pela instituição incluem a pouca participação das famílias na vida escolar de seus filhos, essa realidade está mudando aos poucos, as mudanças são atribuídas principalmente ao PAB (Programa Auxílio Brasil- antes Bolsa Família) que exige a

frequência dos estudantes na escola, que desde o ano de 2022, mensalmente a escola envia à Secretaria de Educação o índice de presença e ausência dos estudantes, quando as ausências ocorrem de maneira demasiada, o benefício é bloqueado, “forçando” o beneficiário ir à escola solicitar uma declaração de matrícula do estudante, nessas idas à secretaria da escola, há um diálogo com esses responsáveis frisando a importância dos estudos para o estudante e da participação deles na vida escolar dos filhos.

A participação dos pais ainda é bastante restrita no cotidiano escolar, todavia, devido às novas práticas, escola tem se esforçado na chamada dos pais, pois procuram vim na instituição, somente para tomar ciência dos resultados (entrega de boletins ou por alguma situação como relacionado a declaração do Bolsa Família), hoje por meio das reuniões, eventos e outras ações que a escola realiza, alguns pais e responsáveis comparecem e tomam conhecimento do comportamento e rendimento escolar dos filhos durante o bimestre, podendo contribuir significativamente no bom resultado final dos filhos. Mesmo saindo de casa muito cedo e retornando tarde, quase à noite, para suas comunidades, 95% dos alunos, estão frequentando a Escola cotidianamente e identificando-se com a mesma (Projeto Político Pedagógico, 2022, p. 13, não publicado).

Sobre esse cenário, Orsolon (2014), descreve que de maneira geral, a escola e a família vivenciam uma crise, a escola abre espaço para participação, a comunidade não está habituada a participar desse contexto, a família exige da escola algo que ambas ainda não sabem como resolver e a coordenação pedagógica tendo que rever suas funções em relação a seu trabalho com os pais.

Outro desafio enfrentado pela escola, é a estrutura física do prédio, as salas de aula são muito quentes, atualmente em cada sala tem dois ventiladores de teto, mas não é suficiente, o calor especialmente no turno da tarde afeta sobremaneira a condição das aulas. A falta de uma biblioteca adequada, a ausência de ventilador na sala dos professores, a estrutura está danificada, a quadra de esportes não é coberta, o piso está com fissuras que machucam os alunos, algo bastante frisado por eles mesmos. Outro ponto que merece destaque são as situações de atritos entre os estudantes, logo após a sua fundação em 2011, e nos anos que sucederam até meados de 2018, a escola tinha um número expressivo de conflitos interpessoais entre os estudantes, de acordo com informações contidas no PPP da instituição:

Atualmente muitos problemas tiveram uma melhora significativa, percebe-se um maior envolvimento dos alunos. Os conflitos interpessoais que outrora era presente na escola alcançaram uma melhora significativa com a prática do diálogo e conscientização. Os alunos quando passam por este problema, são chamados e orientados e acima de tudo todos têm seu momento de expressar-se, ou seja, relatar o que aconteceu segundo sua ótica (mesa redonda). As brigas no contexto escolar são raras e quando acontece, a escola não se exime, mas buscar resolver o mais rápido os problemas com os alunos e quando necessário, convoca a família para tomar ciência e ajudar na orientação. Se a escola e família juntas não conseguirem resolver o conflito, os órgãos competentes serão comunicados e convocados (Conselho Tutelar,

Conselho Escolar, Ministério Público e Psicólogo da SEMED). Após mudanças na Legislação, os alunos com problemas de disciplina que cometerem uma infração grave, a partir de 18 anos, são encaminhados, à Polícia Civil (Projeto Político Pedagógico, 2023, p. 14, não publicado).

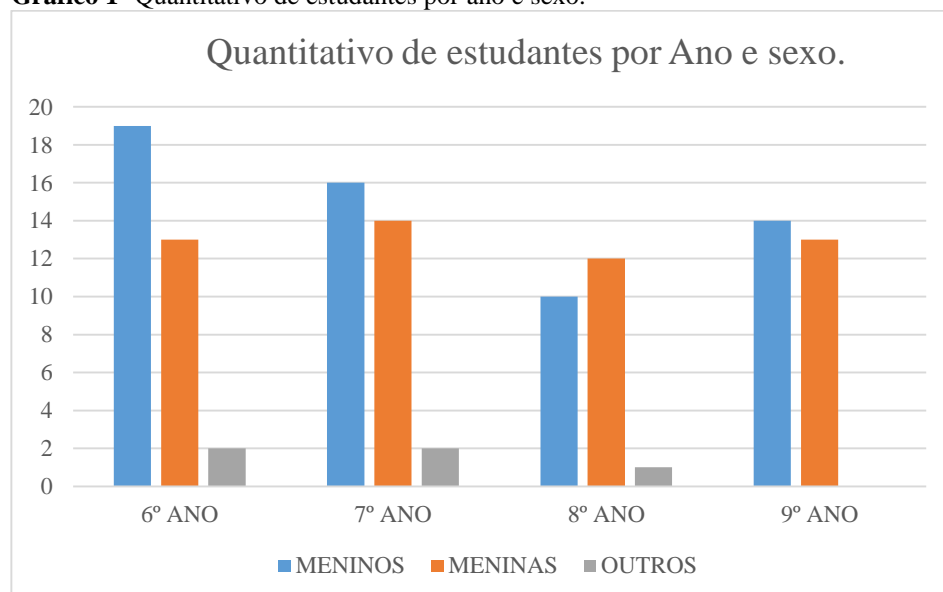
Observa-se que os conflitos entre os estudantes na escola pesquisada ocorrem, porém a escola busca ferramentas que possam viabilizar a resolução desses conflitos da melhor maneira. Por meio do diálogo, conversas, com o objetivo de despertar no estudante a conscientização a partir de seus atos. Nesse sentido, a compreensão de quem são esses sujeitos da pesquisa é um ponto relevante para o levantamento e análise dos dados.

#### 4.2 Perfil dos estudantes da escola EMEFQMLLC

Objetivando coletar informações necessárias à pesquisa, foi aplicado um questionário que foi respondido por 116 estudantes (gráfico 1) de 11 a 17 anos, dos quais 58 foram do sexo masculino e 53 do sexo feminino, correspondendo a 45% sendo meninas, 51% meninos e 4% não responderam, ou se identificaram com uma outra orientação sexual (gráfico 2).

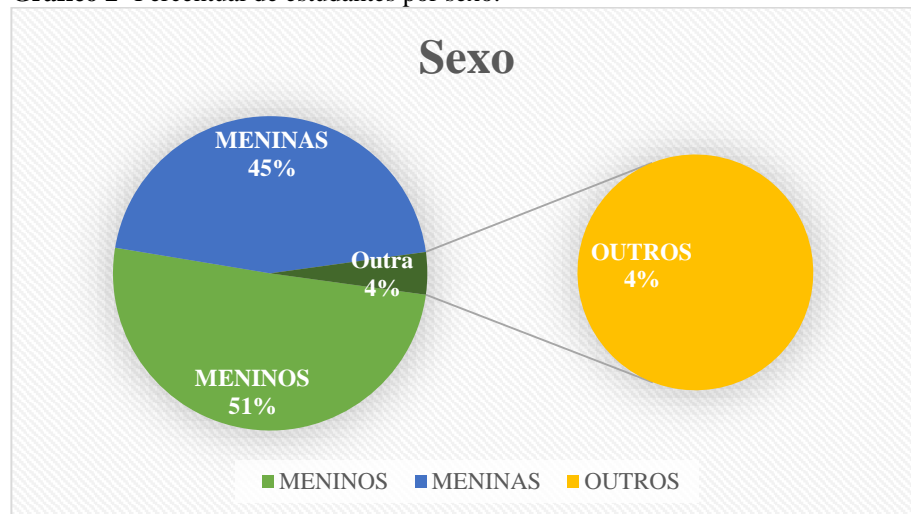
Estão distribuídos em oito turmas (6MR01, 6TR01, 7MR01, 7TR01, 8MR01, 8TR01, 9MR01 e 9TR01), do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental anos finais, nos turnos matutino e vespertino. Atende alunos de 18 vilas em média localizadas nas proximidades, também no espaço rural. Por serem vilas distantes da escola, os estudantes dependem de transporte escolar para chegar até esta, nos dias em que foram aplicados os questionários, alguns desses transportes ausentaram-se, o que implicou na ausência de muitos estudantes.

**Gráfico 1-** Quantitativo de estudantes por ano e sexo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

**Gráfico 2-** Percentual de estudantes por sexo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os dados para esta pesquisa foram coletados por meio de um questionário contendo 25 questões<sup>6</sup> sobre os mais diversos aspectos, como família, grau de escolaridade dos responsáveis, se já fez uso de substâncias alucinógenas, se já portou armas... entre outras, todas as perguntas afim de analisar se as manifestações comportamentais dos estudantes são apenas comportamentos característicos da adolescência, ou se podem caracterizar-se como *bullying*.

Para tanto, buscou-se investigar a estrutura familiar desse estudante, constatou-se que 54% dos estudantes residem com mãe e pai, 27% residem apenas com a mãe, 9% com o pai e 10% reside com avós ou irmãos. Quanto ao grau de escolaridade desses responsáveis, 31% concluíram o Ensino Fundamental e somente 7% chegou ao nível superior. A participação da família na vida escolar dos estudantes é de suma importância, e implica diretamente no desenvolvimento do processo de aprendizagem, e no seu desenvolvimento e interação social.

Visando a importância da família no processo educacional do sujeito que buscou-se compreender como se constitui a estrutura familiar dos sujeitos dessa pesquisa. Orsolon (2014, n/p.), enfatiza que a relação entre família e escola deve ser uma relação de parceria.

Acredito que a relação família-escola deva ser uma *relação de parceria*. A parceria constitui o encontro de diferentes para realizar um projeto comum. A parceria em questão é a educação da criança, do adolescente, filho e aluno, o que significa assumir juntos essa educação. A relação supõe confiança mútua e cumplicidade. Isto é, conversas, trocas, discussões dos problemas e assunção conjunta das decisões tomadas.

<sup>6</sup> Ver Apêndice 1.

Para que haja uma efetivação dessa parceria entre esses eixos estruturantes, ambos precisam estar abertos ao diálogo e dispostos a trabalharem juntos para um melhor desempenho do processo educacional e sócio interacional do estudante. Essas relações de interações entre os sujeitos desencadeiam em alguns casos certos atritos, como já foi mencionado, brincadeiras, *zooções* que algumas vezes, machucam, ferem e deixam danos irreversíveis, a esses casos, conceitua-se como *bullying*. O fenômeno *bullying* vem se mostrando como uma preocupação não só das escolas, mas um caso de saúde pública tendo em vista os grandes impactos à saúde mental (Organização da Nações Unidas, 2023).

Aliados a este fenômeno, os episódios de ataques as escolas que vem sendo bastante frisado nas mídias brasileiras, de acordo com um levantamento feito pelo instituto Sou da Paz em 2022, desde o ano de 2003 o Brasil registrou mais de 11 episódios de ataques com armas de fogo em escolas brasileiras. Por meio de pesquisas apresentadas no Rio de Janeiro pelo psiquiatra estadunidense Timothy Brewerton, entre os anos de 1966 a 2011, foram registrados 66 ataques no mundo em escolas, em que 87% dos atiradores sofreram *bullying*, fato este que os motivou a vingança. Essas estatísticas são preocupantes e precisam ser levadas em consideração, as escolas não devem se eximir dessas discussões, pois é no chão da escola onde muitas dessas situações propagam-se com maior frequência, haja visto que, a escola é o ambiente onde os jovens passam a maior parte de seu tempo, logo é o espaço de maior interação social.

Nesse sentido, a pesquisa buscou investigar se instrumentos como armas fazem parte da realidade dos sujeitos, se os estudantes da escola já portaram armas e em qual situação tiveram esse contato (Gráfico 3), 16% dos estudantes admitiram que já portaram, bem como fizeram uso de armas pelo menos uma vez.

**Gráfico 3-** Percentual de estudantes que já portaram armas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Foi solicitado que os estudantes identificassem qual o tipo de arma a qual tiveram acesso e em qual situação ocorreu determinado fato, 64% da amostra dos estudantes que admitiram ter tido contato, identificaram com armas de fogo, 14% afirmaram ser armas de “Ar comprimido”<sup>7</sup> e 22% identificaram armas brancas, como faca.

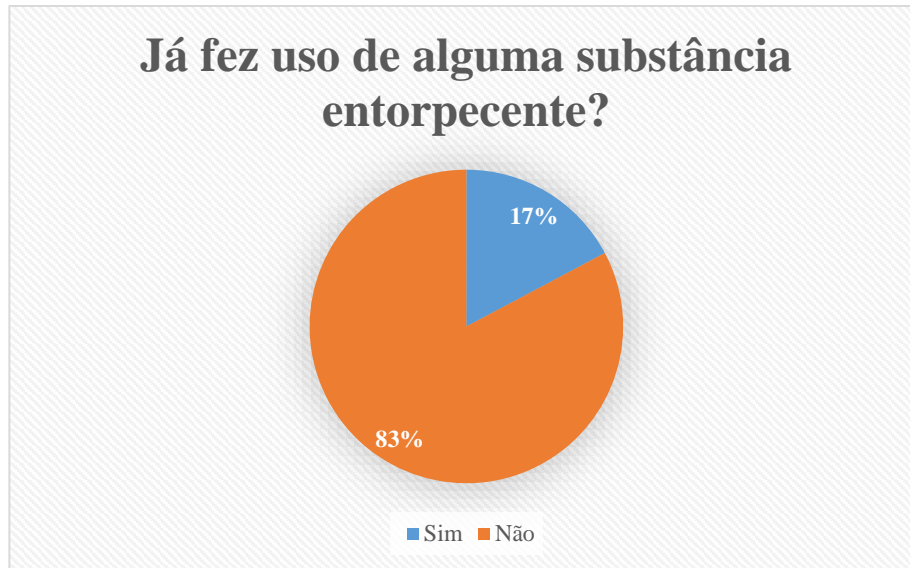
Quanto a circunstância, 50% colocou que foi praticando atividade de caça, prática muito comum na região, 22% dos estudantes justificaram que foi em situações de brincadeiras, 14% que foi em episódios de susto e 14% destacaram que foi em uma situação de defesa. Vale ressaltar que mesmo sendo as atividades de caça a maioria das circunstâncias que levaram a posse de armas por um pouco percentual de estudantes, é preocupante que os adolescentes tenham contato com armas e saibam como manusear, tendo em vista o cenário violento que as escolas enfrentam atualmente. De acordo com pesquisas, o Brasil está no topo do ranking de agressões. “Levantamento global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) coloca o país entre os de índices mais altos do mundo no ranking das agressões contra professores- e que têm se mantido estável nos últimos anos” (Rede Globo, 2023). Essa circunstância levanta a preocupação de que se esse adolescente sabe manusear e tem acesso a armas, a possibilidade do estudante levar uma arma escondida para a escola aumenta consideravelmente.

Aliado a essas estatísticas, é interessante destacar o percentual de estudantes que já fizeram uso de alguma substância entorpecente ou alucinógena, já que algumas pesquisas (Beserra, 2019), apontam que os episódios de violência geralmente estão associados ao consumo de algum tipo de substância entorpecente. Sendo assim, a pergunta de nº 7 faz exatamente esse levantamento, “Já fez uso de alguma substância entorpecente como: drogas, álcool, cigarro, cravinho, VAPE, entre outros?”.

**Gráfico 4-** Percentual de estudantes que já usaram substâncias entorpecente.

---

<sup>7</sup> **Armas de pressão** ou **Ar comprimido**, são armas cujo funcionamento implica o emprego de gases comprimidos com ou sem molas para impulsão de projétil. Segundo o Decreto Nº 5123 de 1º de Julho de 20014 regulamenta a Lei Nº 10.826 de 22 de Dezembro de 2003, conhecida como Estatuto do Desarmamento, dispões que as armas de pressão de calibre inferior ou igual a 6mm, têm o porte permitido, bem como sua compra e venda sem necessidade de registro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Dos 17% dos estudantes que admitiram que já fizeram uso dessas substâncias uma ou duas vezes a partir do 11 anos de idade, 78% consumiu álcool, 11% cigarro comum e outros 11%, fizeram uso de outras substâncias como o cravinho<sup>8</sup>.

De maneira geral, o percentual de estudantes que já consumiram, ou consomem principalmente o álcool é relativamente baixo, porém ocorre e gera preocupação, o Ministério da Saúde adverte que o consumo de bebidas, substâncias alucinógenas, entorpecentes, ocasiona uma série de problemas de saúde que podem ser fatais. Sob o efeito dessas substâncias o corpo humano tende a ficar sob um estímulo que prejudica as funções cerebrais, nos adolescentes, prejudica o desenvolvimento cerebral, causa distorção da realidade, diminuição da capacidade intelectual. Soares *et al.*, (2010, p. 640) destaca que:

[...] quanto mais cedo o início do uso de drogas, maior o risco de dependência, de transtornos mentais associados e de comportamento alterado em decorrência do uso de drogas. [...] há também a alteração na recaptação de neurotransmissores, especialmente a dopamina. [...] Tanto a adolescência como o uso de drogas, sozinhos, levam a diminuição do número de receptores dopaminérgicos no sistema de recompensas, quando juntos, aliados ainda ao estresse, provocam uma redução radical na capacidade de ativação do sistema. Essa conjunção, quando presente em grande parte da adolescência, irá se consolidar na idade adulta, resultando num número abaixo do normal de receptores de dopamina. O indivíduo inerente a essa condição torna-se especialmente propenso ao vício, com grandes chances de desenvolver problemas relacionados ao uso de drogas.

<sup>8</sup> De acordo com informações obtidas na página da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e outras Drogas, o Cigarro Kretek, popularmente conhecido como cigarro de cravo ou cigarro de Bali devido a sua origem na Indonésia, é um cigarro que resulta de uma mistura de tabaco e cravo, tem o aroma mais agradável, porém, apresenta tantos malefícios a saúde quanto o cigarro comum, a queima do cravo produz substâncias tóxicas que desencadeiam problemas à saúde.

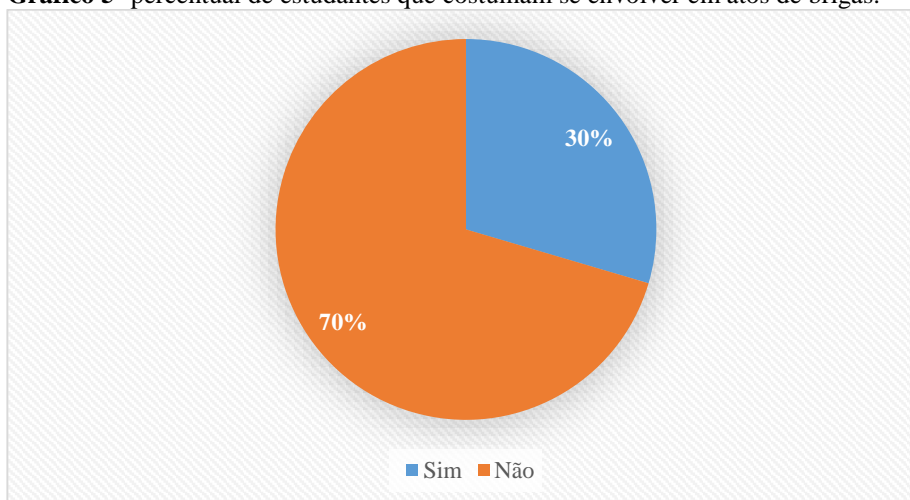
Não há comprovações da relação direta entre as práticas de *bullying* na escola pesquisada e o uso de drogas, sabe-se porém, que, inerente a isso, o comportamento dos estudantes é afetado diretamente. Isso carece de atenção e conscientização, principalmente da família. Com isso, buscou-se entender os atos comportamentais dos sujeitos que compõem essa pesquisa, e os resultados dessa compreensão implicará no produto apresentado.

### 4.3 Manifestações Comportamentais dos estudantes na escola EMEFQMLLC

A prática do fenômeno *bullying*, está quase sempre ligada ao contexto educacional, está representado por violências físicas, verbais e atitudes pejorativas que tem a intenção de prejudicar a imagem da outra pessoa. Em consonância a isso, o fenômeno corrobora com o alto índice de violência nas escolas, já que é o espaço de maior interação entre os sujeitos, o que pode resultar em desafios para a saúde mental, problemas como ansiedade, depressão, fobia e isolamento social (Silva, 2010).

Diante disso, a pesquisa buscou entender como se constitui os atos comportamentais violentos dos quais os estudantes relataram nos últimos meses, para tanto, foram feitas perguntas mais diretas voltadas a esta temática. Nos gráficos a seguir, destaca-se os percentuais dos estudantes que já presenciaram, praticaram, ou foram vítimas dessa situações.

**Gráfico 5-** percentual de estudantes que costumam se envolver em atos de brigas.

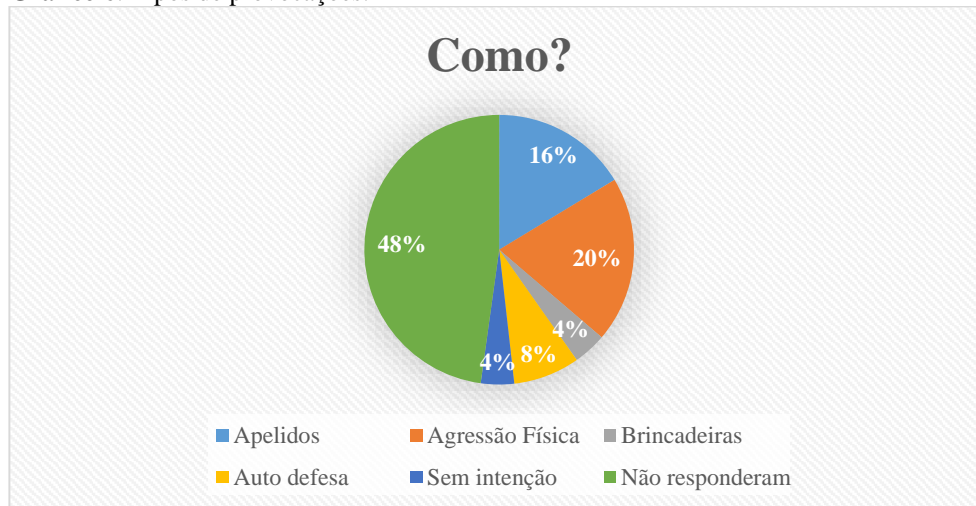


Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Dos estudantes que admitiram que se envolvem em atos de brigas, 53% disseram que se envolvem frequentemente, porém, destacaram que não se resume só a escola. Alguns justificam ser no “*campo*” jogando bola, e em outras situações como na rua.

Quanto a provocações, 43% dos adolescentes admitiram que tem o “hábito” de provocar os colegas na escola, tanto da sala de aula, quanto de outras turmas. As maneiras são as mais variadas, de apelidos a agressões físicas. Entretanto, mesmo tendo admitido as provocações, 48% desses que admitiram, optaram por não responder de que maneira ocorrem essas provocações, como podemos observar a partir da análise do gráfico 7.

**Gráfico 6.** Tipos de provocações.

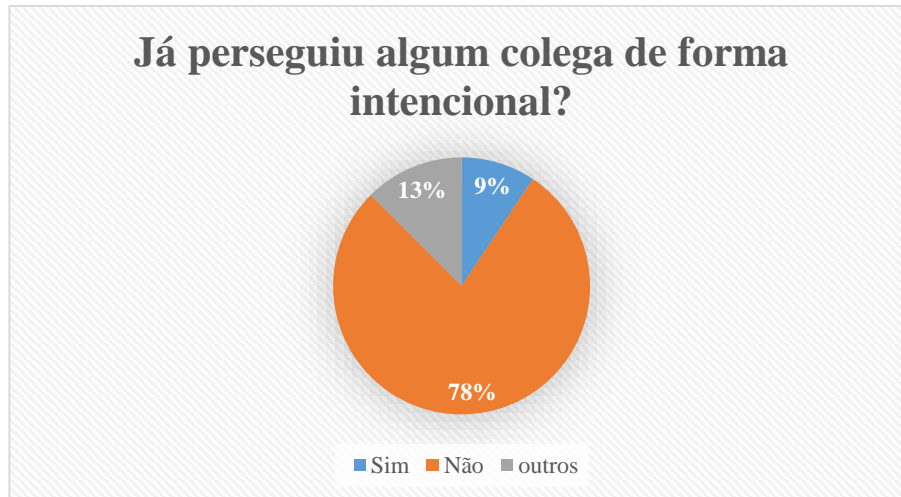


Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

É preciso ressaltar que o que caracteriza o *bullying*, de acordo com a legislação e pesquisas como as de Fante (2005) e Silva (2010), é a intimidação sistemática ocorrer frequentemente e de maneira intencional, ou seja, o autor sabe o que está fazendo, porque está fazendo, como e o que isso irá causar a vítima.

Com isso, a pergunta nº 12 complementa a anterior, no qual é feito o seguinte questionamento “Você já perseguiu algum colega de forma intencional?”. Note que, os questionamentos anteriores estão voltados a identificar se os estudantes provocam colegas, esta questiona a prática de perseguição de maneira intencional.

**Gráfico 7-** Percentual de estudantes que perseguem os colegas de maneira intencional.



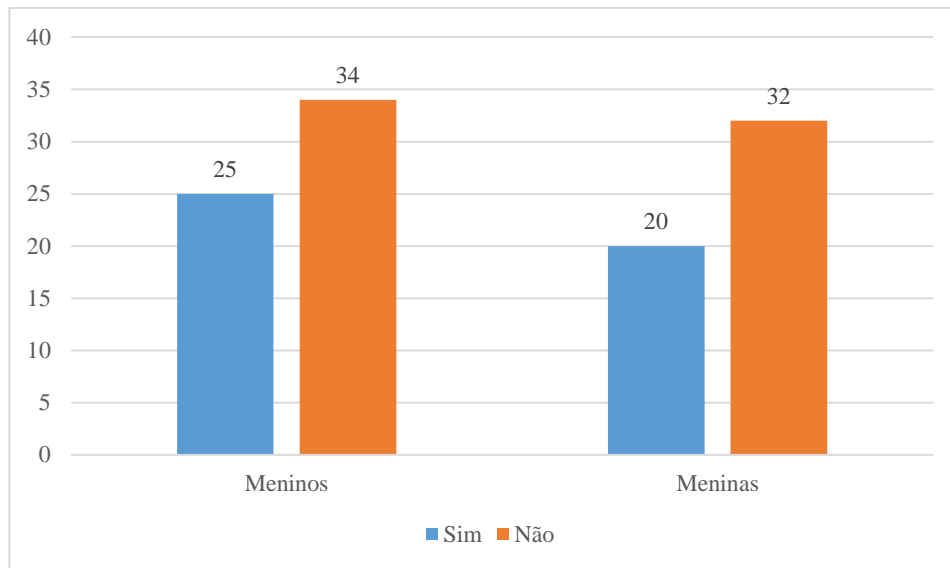
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O questionário revelou que 9% dos estudantes perseguem outros colegas da escola de maneira intencional, 78% dos estudantes disseram que não perseguiram nenhuma vez e 13% não souberam ou não quiseram responder. As formas de perseguição são as mais variadas, porém, deram destaque aos motivos que os levaram a cometer tal ato: “*Não lembro*”; “*Pra descontar*”; “*porque me humilharam*”; “*por deboche*”. Algo merece uma atenção a mais, note que, quando foi perguntado se os estudantes provocam colegas, quase a metade disse que “sim”, porém, quando perguntado sobre “intimidações de forma intencional”, o número cai significativamente. Por outro lado, diante da pergunta “**Já sofreu algum tipo de perseguição por parte de outro (s) colega(s)**”, 45% disseram que sim, mais de uma vez.

A partir da leitura dos dados, é perceptível identificar que ocorrem perseguições entre os estudantes, e muitas dessas atitudes não tem motivo aparente, essas práticas podem desvendar o quanto o sentimento de perseguição ou prazer em perseguir, possibilitam situações de violência que tem potencial de se tornarem *bullying*. Como reforça Lisboa *et al.*, (2009, p. 62) “manifestações verbais como gozações, e atribuição de apelidos pejorativos a determinadas crianças ou adolescentes podem construir o processo de *bullying*”, evidenciando portanto que, manifestações comportamentais desse teor devem ser coibidas para que dessa forma não venham a se configurar como práticas do fenômeno.

Do quantitativo de estudantes que revelou ter sofrido com perseguições, separamos por sexo, visando compreender como o fenômeno se manifesta para meninas e meninos, como mostra os dados a seguir.

**Gráfico 8-** Quantitativo de estudantes que já sofreram intimidações por sexo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O quantitativo de meninas e meninos que revelaram já ter sofrido com perseguições foi analisado separadamente, das meninas que admitiram ter sofrido intimidações, a maioria identificou que sofreu com palavrões (20%) e com violência física- agressões físicas- (20%), logo em seguida temos empurrões com 15%, humilhações sendo representado por 11%, ter objetos estragados representando 9%, com 7% aparece dizer mentiras, ameaças com 6%, exclusão em 4% dos casos e 2% foi ter sido tocada contra vontade. Outros como, “jeito de se vestir” e “cor da pele” ou não responderam aparecem em 6% dos casos.

Com os meninos, os palavrões também ganharam destaque, sendo associado a 23% dos casos, em seguida, ameaças representam 21% da amostra, 19% associaram a dizeres mentirosos “*inventar conversa*”, humilhações representam 14%, 9% os casos de exclusão, violência física representa 7%, e outros como, “jeito de se vestir” e peso ou que não responderam representam 7%.

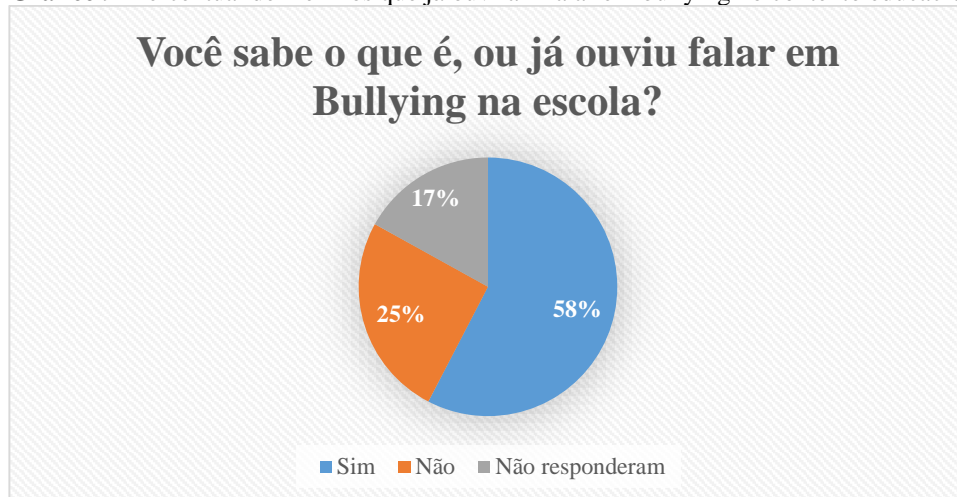
De acordo com os estudos de Lisboa (2009), o *bullying* é uma subcategoria de violência, as meninas tendem a praticar o chamado “*bullying indireto*”, que são basicamente as exclusões, indiferenças..., enquanto os meninos tendem praticar a forma do “*bullying direto*” que se caracteriza por agressões físicas, verbais, ameaças. Essa diferença da prática do fenômeno, não significa dizer que os meninos são mais agressivos, ao contrário, supõe-se que as meninas utilizam formas mais sutis de agressão, o que dificulta a identificação de tal ato, e frisa-se que ambos os sexos são vitimados, independente do gênero. (Lisboa, 2009).

Tendo em vista os sujeitos da escola pesquisada, observa-se entre os estudantes a prática do fenômeno de forma mais direta, tanto por meninos quanto por meninas, principalmente no que diz respeito as agressões verbais (representadas pelos palavrões). É interessante, que a

diferença comportamental dos estudantes da escola pesquisada, estão mais relacionadas a compreensão do fenômeno, e não na sua prática de fato.

Diante desse cenário, é interessante mencionar a percepção entre meninos e meninas sobre o fenômeno *bullying*. Como vimos, este fenômeno projeta-se de maneiras diferentes, mas não distintas entre os gêneros. Para tanto, a pergunta “**Você sabe o que é ou já ouviu falar de Bullying na escola?**” foi analisada sob a percepção tanto de meninas, quanto de meninos, objetivando compreender como ambos os gêneros compreendem o *bullying*. Vale ressaltar que ambos os sexos estão sujeitos a serem vítimas e ao mesmo tempo potenciais agressores, porém, essas práticas se manifestam de diferentes maneiras. Meninos demonstram seu poder através da força física. Já as meninas participam de maneira mais sutil, impondo sua popularidade, disseminando intrigas, fofocas e destaque social (Vasconcelos, 2018). O que cabe aqui é analisar a compreensão dos gêneros sobre o fenômeno.

**Gráfico 9-** Percentual de meninos que já ouviram falar em bullying no contexto educacional.

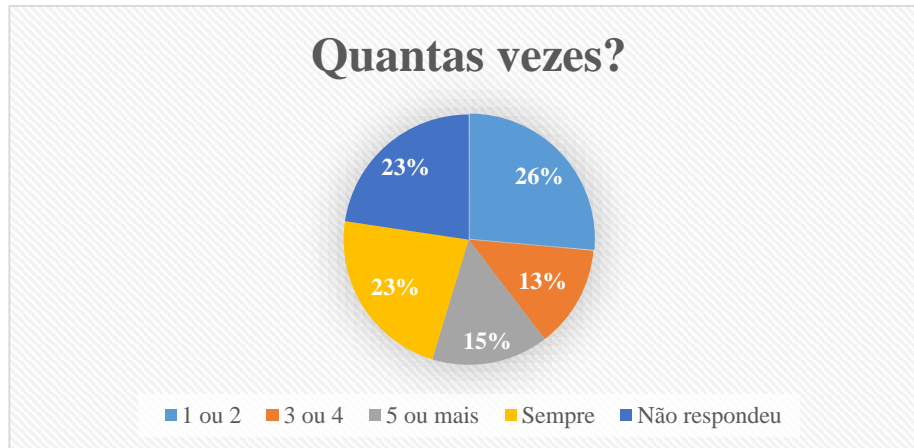


Fonte: Elaborado pela autora 2023.

Como mostra o gráfico, 58% dos estudantes meninos já ouviram falar em *bullying* na escola ao menos uma vez, 25% afirmaram que na escola nunca foi mencionado e 17% não sabem ou não responderam.

Por outro lado, com as meninas a estatística foi outra, 85% sabem e já ouviram falar na escola ao menos uma vez, enquanto 15% afirmaram não saber, e nunca ter ouvido na escola. O gráfico a seguir, mostra a frequência com a qual o assunto foi mencionado na instituição, este foi analisado de maneira geral, sem a diferença de gêneros.

**Gráfico 10-** Percentual de quantas vezes os estudantes ouviram falar em *bullying* no contexto educacional.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Nota-se que, há uma resistência maior por parte dos meninos do que das meninas em dizer se já ouviram falar em *bullying*, são sujeitos que estudam juntos, porém, *elas* afirmam com maior convicção que a escola conversa sobre o fenômeno. Nos meninos, nota-se com a observação, um sentimento semelhante ao “desdém” quando professores tocam no assunto, eles interpretam o *bullying*, como “zoação” comum que “*todo mundo faz*” e que não tem problema em seguir com essa tipo de comportamento.

Como foi colocado, meninos e meninas reagem diferentes ao fenômeno *bullying*, o que descrevemos aqui, não é qual gênero está mais suscetível a ser vítima ou não desse fenômeno, o que cabe é analisar como os estudantes da EMEFQMLLC percebem e compreendem o fenômeno a partir das relações de gênero.

Observou-se que, as estudantes do sexo feminino compreendem com maior seriedade as práticas comportamentais e seus impactos na vida dos sujeitos envolvidos, por outro lado, os estudantes do sexo masculino compreendem, mas não com tanta seriedade. Para eles, é mais em tom de “brincadeiras”. Tanto que as ocorrências registradas na secretaria da escola revelam que as práticas são mais comuns de meninos para meninos e meninas para meninas, raras são as exceções entre sexos opostos.

A respeito de quem fala sobre o *bullying* na escola, 33% da amostra respondeu ter sido por professores em sala de aula, 27% através de colegas, 24% pela direção e 16% outros que não souberam, ou não responderam. No ano de 2022, a escola promoveu no dia 20 de Outubro, uma roda de conversa com os estudantes denominada “Bullying e Empatia” com uma psicóloga da secretaria Municipal de Educação e uma assistente social do Município que tinha como objetivo promover a conscientização sobre temáticas tão relevantes e necessárias a todos os estudantes, bem como o corpo escolar como um todo.

De acordo com dados divulgados pela União das Nações Unidas para Infância- Unicef (Organização da Nações Unidas, 2023), segundo um levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) cerca de 23% dos brasileiros declararam ter sofrido *bullying* em algum momento da sua vida.

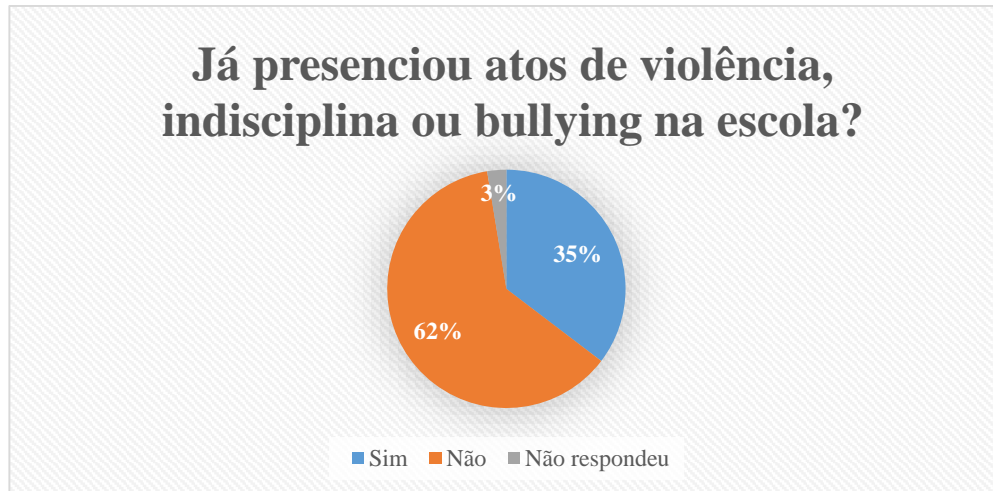
De acordo com o estudo realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF) mais de 150 milhões de adolescentes entre 13 e 15 anos de diferentes países já tiveram alguma experiência de violência dentro ou ao redor das escolas envolvendo seus pares. Além disso, somente no Brasil 14,8% os estudantes com idades semelhantes já mencionaram faltar à aula por não se sentir protegidos dentro e fora do ambiente escolar, e outros 7,4 % foram vítimas de *bullying*. Na outra ponta 19,8 % dizem já ter praticado essa violência.

Essas taxas são perigosas, visto que a prática do fenômeno *bullying* corrobora diretamente para o desencadeamento de danos psicológicos muito sérios. A escola desencadeia um papel fundamental na promoção e reflexão sobre o *bullying*, é na escola que o fenômeno se propaga e dissemina, como instituição que promove o desenvolvimento social do sujeito, assuntos como este não podem deixar de serem abordados. E não somente em datas alusivas, mas discussões como esta devem ser parte do currículo escolar, Fante (2005) enfatiza a necessidade da escola promover discussões, debates, conversas com o objetivo de promover a conscientização acerca dessas manifestações, bem como outras situações comportamentais. Para Silva (2010), a escola também deve acionar as autoridades competentes como, Conselho Tutelar para coibir a prática desse fenômeno.

A escola porém, deve abordar essas situações como medida de conscientização e não somente de forma punitiva, mas principalmente preventiva, para que os estudantes possam compreender a real gravidade da prática do *bullying*. A UNICEF propõe a implementação da psicologia escolar, pois entende-se que as manifestações do fenômeno podem estar diretamente ligados com problemas psicológicos do agressor e por consequência, projetados a vítima.

Procurou-se portanto, verificar mais especificamente sobre a prática desse fenômeno na escola, questionou-se então se os estudantes já presenciaram atos de violência, indisciplina ou *bullying* na escola, como apresenta o gráfico a seguir.

**Gráfico 11-** Percentual de estudantes que presenciaram manifestações de indisciplina.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os dados revelam que 35% dos estudantes já presenciaram esse tipo de manifestação comportamental. 25% dos sujeitos dessa amostra, relatam terem vivenciado apelidos, 18% ofensas e palavrões, bem como a mesma taxa equivale a brigas, 16% sendo episódios de racismo, 9% agressões e a mesma taxa repete para preconceitos (9%), e 5% pelo jeito de vestir-se. É de suma importância compreender que é preciso atentar-se para que atos de *bullying*, não venham a velar outros casos tão sérios quanto, como racismo, gordofobia, LGBTfobia, capacitismo entre outros. Por isso a importância da escola, bem como no ambiente familiar a promoção de discussões sobre discriminações, preconceito e outras manifestações comportamentais.

Em relação à contra quem o estudante presenciou essas manifestações, 81% disseram que foi contra colegas, 7% contra professores, 6% contra colegas com deficiência e a mesma taxa repete-se para outras vítimas, ou que não souberam responder, 6%. Em relação a essas estatísticas, note que um percentual revelou que algumas dessas indisciplinas foi contra professores, “*joga bolinha de papel no professor*”, “*chamam o professor de Shuós*”<sup>9</sup>.

Estudos como o de Peralva (1997), Bordieu (1990) e Candau (1999), apontam que a violência escolar está associada a deslegitimação das escolas, o diploma não é para o estudante, garantia de inserção no mercado de trabalho, a escola não tem mais o valor prometido (Silva e Salles, 2010).

Dubet (2003 *apud* Silva e Salles, 2010, p. 224), “afirma que as condutas violentas dos jovens são respostas à percepção de que é difícil atingir os objetivos preconizados pela escola como status e ascensão social.”

<sup>9</sup> Schwoz Schwartz, personagem de um seriado da Nickelodeon “Harry Danger” interpretado pelo ator canadense Michael D. Cohen.

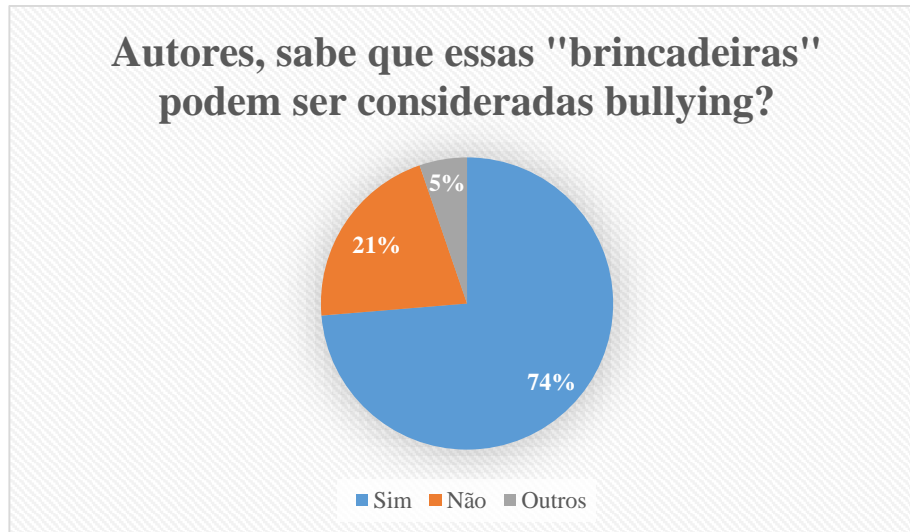
De acordo com as autoras, os estudantes demonstram se mostram mais interessados pela aula quando o professor demonstra um interesse legítimo pela vida pessoal deste, algumas agressões cometidas contra o professor estão relacionadas ao “caráter débil do professor e sua incapacidade de manter a ordem” (Silva e Salles, 2010, p. 223). As autoras também destacam que os estudantes têm a necessidade de se sobrepor à autoridade do professor em sala de aula, para demonstrar aos iguais um poder. Para eles, o ato de seguir ordens da instituição soa arbitrário.

De acordo com informações obtidas em uma pesquisa de mercado do SABRAE em 2019 sobre o Município de Salvaterra, em 2016 o município registrou uma taxa média de homicídios contra jovens de 21,99 a cada 100.000 (cem mil) habitantes (Ministério da Saúde-DataSUS, 2016). Uma média considerável, fazendo a reflexão de que a violência está em todos os lugares, e tem afetado de certa forma, as escolas. Nesse sentido, buscou-se investigar os autores das manifestações comportamentais na escola pesquisada.

Quanto a pergunta **“E na posição de autor, você já fez “brincadeiras” com alguém que o deixou constrangido ou intimidado?”**, 47% dos estudantes admitiram ter feito *“brincadeiras de mau gosto”* contra colegas pelo menos uma vez. É interessante frisar, que os questionários revelaram que a maioria dos autores são do sexo masculino. Porém, as meninas compreendem mais quais situações são consideradas *bullying*, logo, são mais cuidadosas do que os meninos. De forma geral, 78% dos estudantes entende que algumas *“brincadeiras”* podem ser identificadas como manifestações comportamentais de *bullying*. Como ilustra o gráfico a seguir.

Dos estudantes que se identificaram como autores, 74% dos estudantes sabem que praticam *bullying* com os colegas, 44% dessa amostra identificaram-se como autores, corroborando com Silva (2010) que conceitua o ato de intimidação sistemática que é praticada de maneira recorrente e proposital, sem motivação aparente, mas que tem o objetivo de constranger e humilhar o outro (Gráfico 14), 51% representa a parcela de não autores, que justamente por saberem do que se trata, evitam a prática, 5% não responderam.

**Gráfico 12-** Percentual de autores de *bullying*.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Nesse sentido, quando perguntado se achavam que já haviam sofrido *bullying* alguma vez na escola, 44% da amostra do total de 116 estudantes respondeu que não enquanto 52% disseram que sim e 4% não sabem ou não quiseram responder.

Desse percentual, 49% são do sexo masculino, 46% do sexo feminino e 5% identificaram-se com outra orientação sexual.

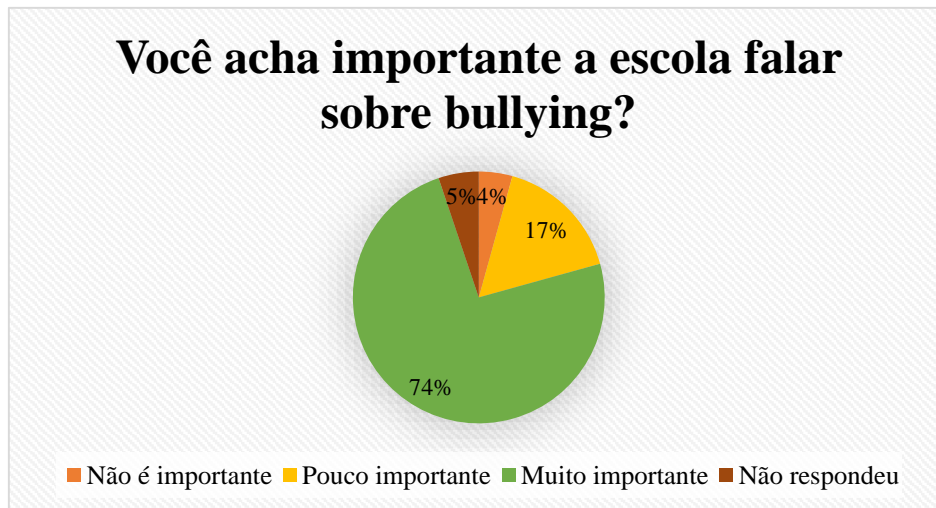
De maneira geral, dos 52% dos estudantes que afirmaram terem sido vítimas de *bullying*, 34% identificaram ter sido três vezes ou mais, 25% revelaram que sofrem todos os dias, 18% pelo menos uma vez, 15% duas vezes e 8% não sabem ou não quiseram responder. As práticas são variadas, no entanto, velhas conhecidas. 80% dos estudantes identificaram os apelidos como a forma mais frequente, seguida por exclusão com 12% e ameaças em 8% dos casos. Os autores, 39% foram praticados por pessoas diferentes, 26% a mesma pessoa, e com a mesma porcentagem é a taxa de autores sendo um grupo de colegas, 9% optou por não responder.

Com base nos dados apresentados, na observação dos últimos meses, bem como diante da compreensão dos estudantes acerca do fenômeno, observa-se que a interpretação dos alunos acerca do fenômeno está correta, os casos relatos por eles, podem ser entendido como manifestações de *bullying*, visto que, frente a lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica que ocorre de maneira intencional e repetitiva, diante da identificação de um percentual considerável de estudantes que sofreram com as agressões mais de três vezes e frequentemente, qualificando-se portanto como práticas do fenômeno *bullying*.

Diante dessa identificação, é valioso analisar quão importante os estudantes consideram os diálogos acerca do fenômeno no ambiente escolar, 74% do total de sujeitos participantes

dessa pesquisa, considera muito importante ter essas conversas no ambiente educacional como podemos identificar no gráfico 14.

Gráfico 13- Percentual de estudantes quanto a importância de se discutir *bullying* na escola.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Percebe-se que os estudantes incomodam-se com essas manifestações comportamentais, tanto que consideram muito importante que a escola dialogue sobre a temática, ao observar os estudantes em sala de aula, a percepção é que os alunos dialogam melhor, quando a conversa é de uma forma mais descontraída, e mais no sentido de diálogo e não de repreensão.

Foi analisado também, como é a relação entre os estudantes, com os agentes educacionais da escola, foi solicitado que os estudantes classificassem sua relação como “boa”, “muito boa” ou “péssima”. As perguntas se dirigiram aos estudantes, em como classificam sua relação com os colegas da sala de aula, colegas de outras salas, professores e a direção da escola. Visto que, as relações sociais são preponderantes para manifestações comportamentais, violentas ou não. É observado nos estudantes que quando eles desenvolvem laços de confiança com os agentes educacionais, eles desenvolvem por consequência o respeito. E quando essa confiança não pôde ser estabelecida, eles agem com indisciplina.

Diante disso, 53% dos estudantes classificam ter uma boa relação com os professores, 39% afirmam ser muito boa, 7% péssima e 1% não sabe ou não respondeu. Com a Direção, da amostra pesquisada, 58% classifica ter uma boa relação com a direção da escola, 23% classifica como muito boa, 18% identifica como péssima e os 1% não souberam, ou não quiseram responder. Com os colegas da sala de aula, 52% da amostra classifica como boa a relação entre os colegas da sala de aula, 26% caracteriza como muito boa, 19% relatam ser péssima e outros 3% não sabem ou não quiseram responder.

Já com os colegas escola, 64% dos sujeitos, consideram ter uma boa relação com os colegas de outras turmas, na outra ponta 17% da amostra classifica como péssima, 16% considera muito boa e outros 3%, não souberem ou não quiseram responder. As relações estabelecidas entre os sujeitos são necessárias, se levarmos em conta os estudos de Levy Vygotsky, que entende o homem enquanto sujeito sociocultural, a partir de sua relação com o outro, de acordo com o ambiente em que está inserido, Vygotsky (1988) enfatiza que ao relacionar-se com outras pessoas, o ser humano acaba relacionando-se consigo mesmo, considera-se portanto, as relações sociais condições essenciais para o desenvolvimento do sujeito, especialmente se essas relações estão no meio educacional, ambiente que corrobora diretamente com a formação social do ser humano enquanto sujeito.

Cabe afirmar, que com base nos dados apresentados, observamos que de maneira geral, há uma boa relação entre os sujeitos e os agentes educacionais da escola pesquisada, por outro lado, há um bom percentual de quem considera péssima as relações, é nesse sentimento de descontentamento que podem surgir as práticas comportamentais mais violentas, visto que, o estudante precisa entender a escola como parte da sua formação humana, “quanto maior a perspectiva que o estudante vê para desenvolver-se na escola menos atos violentos ele comete” (Silva e Salles, 2010, p. 223).

Para finalizar o questionário, foi perguntado quais os comportamentos que mais atrapalham as aulas na opinião do estudante e quais sugestões para melhoraras relações no ambiente educacional. Vale ressaltar que essas perguntas foram abertas, portanto, todas as respostas foram sugestões dos próprios alunos, algumas das sugestões foram repetidas por mais de um estudante como mostra os dados abaixo.

As respostas mais comuns foram, “*fazer muito barulho, gritaria, falar alto*” que constam na categoria barulhos com 35% da amostra, 18% estão as conversas “*ficar conversando sem necessidade*”, com 9% temos, bagunça, brincadeiras “*eles avacalham<sup>10</sup> muito*” e não respeitar o professor “*os meninos<sup>11</sup> ficam jogando bola de papel no professor*”, “*muita brincadeira de mau gosto*”, “*ficam encarnado o quando os zoto dá mancada<sup>12</sup>*”, “*piadas com duplo sentido com os prof.*” Quanto a essas ocorrências contra os professores, não há nenhum registro no Livro de Ocorrências da secretaria da escola, são situações de cunho grave, em que a escola precisa intervir, coibir esses atos indisciplinares para que não configure-se em

---

<sup>10</sup> Termo empregado para caçoar.

<sup>11</sup> O emprego do termo “*meninos*” nesse sentido, não refere-se ao gênero, mas sim um contexto geral de meninas e meninos.

<sup>12</sup> Mancada, expressão popular empregada para expor alguém ao ridículo, por meio de palavras maliciosas ou irônicas. – Mangar.

situações violentas mais severas, situações como essas corroboram com Silva e Salles (2010) onde colocam que situações de indisciplina na sala de aula, são decorrentes muitas vezes a partir da ausência de controle por parte do professor, que por outro lado, deixa de pôr em prática o planejamento em razão das condições escassas de trabalho.

Outro ponto levantado por 8% da amostra, foram as queixas de brigas, 3% do excesso de palavrões “*os meninos falam muito palavrão principalmente o 7º ano é toda hora*”, outros corresponde a 9% e englobam respostas como: “*juntar as turmas principalmente o sexto e sétimo ano*”, “*os professor se atrasa muito e falta também eles tem que chegar mais na hora certa*”, “*tem muito aluno mal comportado*” e “*apelidos*”. A turma do sétimo ano manhã, é bem agitada, esses comportamentos propagam-se com maior intensidade que nas outras turmas, situações dessa natureza, podem prejudicar o processo educativo.

A escola tem se mobilizado quanto à essas práticas, recentemente no mês de Novembro realizou-se uma reunião com os pais e responsáveis dos estudantes da turma em questão, onde a pauta foi exatamente comportamentos como os apelidos, a falta de respeito e os palavrões, infelizmente ne todos os pais estiveram presentes, mas o que estavam firmaram o compromisso em zelar junto a escola pela educação dos filhos.

Nos dias 26 e 27 do mês de Novembro, a escola promoveu a Feira Cultural Integrada, que tem a proposta de trabalhar a cultura os povos tradicionais de forma interdisciplinar. Neste ano, trouxe o tema “Aquilombar-se: meu lugar de pertencimento”, esteve presente um ativista, Mestrando da Universidade Federal do Pará, Gabriel Conrado, que trouxe debates para uma roda de conversa sobre identidade e discriminação, na oportunidade, foi conversado com os estudantes sobre racismo, preconceito, e quaisquer tipo de discriminação, foi pauta também o fenômeno aqui pesquisado, com o objetivo de promover a conscientização dos estudantes, algo previsto inclusive no PPP da escola, onde firma-se sobre os seguintes princípios:

- I- direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade;
- II- direito, à educação pública, gratuita e de qualidade;
- III- respeito e reconhecimento da história e da cultura afro- brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;
- IV- proteção das manifestações da cultura afro- brasileira;
- V- valorização da diversidade étnico-racial;
- VI- promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, cor, sexo, credo, idade quaisquer outras formas de discriminação;
- VII- garantia dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, e do controle social das comunidades quilombolas;
- VIII- reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais;
- IX- conhecimentos dos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais dos povos quilombolas;
- X- respeito à diversidade religiosa, ambiental e sexual;

- XI- superação de toda e qualquer prática de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia;
- XII- direito dos estudantes, dos profissionais da educação que trabalham na escola e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e comunidade;
- XIII- valorização das ações de cooperação e de solidariedade presentes na história das comunidades quilombolas que a escola atende, a fim de contribuir para o fortalecimento das redes de colaboração solidária por elas construídas (projeto Político Pedagógico, 2022, p.11, não publicado).

Quanto ao fato de juntar as turmas, isto ocorre quando tem a falta de professores e os outros professores juntam as turmas para que estas não fiquem ociosas, ou tenham que retornar para casa, como dependem de transportes, o retorno para casa depende do horário do ônibus, porém como foi perceptível, essa prática está prejudicando o processo educacional dos estudantes, é algo que precisa ser inibido.

Seguindo a linha estabelecida pelos estudantes dos comportamentos que atrapalha a aula, questionou-se o que os estudantes apresentam como sugestão para melhorar as relações no ambiente educacional, antes de responder essa pergunta, em todas as salas surgiu o seguinte questionamento “*é pra falar mesmo? Porque se for pra falar a verdade tem que ser tudo (risadas)*”.

Tendo a aprovação que de que poderiam falar a verdade, que as respostas não iriam ser compartilhadas com a direção da escola, que era apenas para fins acadêmicos, com 33% liderou o pedido para reforma na infraestrutura da escola “*tem que reformar as salas, a quadra ta feia, essas paredes todas riscadas, os banheiros tão feios*”, “*pra mudar, só reformando a escola*”. 15% dos estudantes pedem para que haja mais respeito “*tem que respeita mais*”, 9% é mais incisivo, sugere que acabe com o *bullying* para que possa ter uma relação melhor. 8% sugere ter menos bagunça, 7% pede uma “*mudança no cardápio*” “*não to falando que a merenda é ruim, mas a gente ta cansado de ter só mingau, mingau, mingau*”, “*é só mingau, um dia desses deram uma forra<sup>13</sup> e fizeram arroz com galinha*”. 5% pedem para que haja mais palestras, rodas de conversas sobre a temática *bullying* na escola, 3% pedem para “*nunca*” juntar as turmas, e os outros que correspondem a 23% dividiram-se em “*parar de chamar palavrões, professores diminuïrem as faltas, ter mais diálogo, melhorar a comunicação com os alunos*”.

O relato dessa estudante evidencia isso: “*ter mais diálogo entre direção, professores e os discentes. E procurar entender ambos os lados para obter um melhor relacionamento.*” Outro estudante acrescenta, “*Rodas de conversas, participação de psicólogos nas escolas, conversas entre professores, direção e os alunos*”. Destaca ainda, “*Deveria ter mais palestras*

<sup>13</sup> “Dar uma forra”, retribuir um favor. Nesse contexto, está empregada no sentido de “abrir uma exceção”.

*sobre o Bullying, conscientizando os alunos a refletirem sobre esse assunto. E as autoridades do Município olhem nossa escola, está precisando de uma reforma urgente!”.*

*“Que todos os alunos se respeitem, não ficar fazendo brincadeiras de mau gosto, e quando isso acontecer é bom chamar os responsáveis do aluno e conversar com eles. Para que isso (bullying) acabe é bom a escola falar mais a respeito disso para que o alunos se respeitem mais”.*

Observa-se que, os estudantes estão incomodados com as situações comportamentais desagradáveis e estão mostrando como coibir esses atos, a escola questiona-se de “o que fazer para sanar essas situações?”, aqui os próprios estudantes apresentam soluções. Esses adolescentes encontram na escola discussões que muitas vezes em casa não são mencionadas, é na escola que buscam a resolução de seus conflitos internos e externos, para muitos desses meninos e meninas a escola é o primeiro contato enquanto “sociedade” que conhecem, são desafios para eles conviverem com seus iguais, ao mesmo tempo que mostram-se tão diferentes. Ouvir mais o que esses meninos e meninas tem a dizer, é o primeiro passo para a construção de uma formação de educação mais do que formal, uma educação humana.

Com isso, a pesquisa mostrou-se satisfatória e os objetivos foram alcançados, com base nos dados, e na observação, cerca de 40% das manifestações comportamentais dos estudantes da escola revelam ser episódios de *bullying*, os 60% restantes são manifestações comportamentais frequentes da fase da adolescência, porém carecem de atenção. Não podemos tornar comum comportamentos agressivos, desrespeitosos, como agentes da educação, temos essa tarefa social, atos de indisciplina não podem ser vistas como comuns, são frequentes, mas precisam de um olhar mais atento a essas práticas. E esse olhar não pode se restringir somente a escola, é preciso que a família compreenda a importância de promover a conscientização sobre essa prática, que agora é crime. A comissão de previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados, aprovou a proposta que altera o código penal, para criminalizar a intimidação sistemática (*bullying*), incluindo a prática do fenômeno no ambiente virtual conhecido como *cyberbullying* (Senado Federal, 28/08/2023).

Muitas vezes os casos de *bullying* se concretizam pois é uma violência que ocorre velada por brincadeiras, e suas vítimas silenciadas pelo medo. É preciso compreender que essas práticas não podem jamais serem encaradas como “brincadeiras”, são situações graves que tem por consequência danos graves, é entender que tanto vítimas quanto autores, sofrem com o fenômeno, os autores em alguns casos, encontram na prática do *bullying* uma forma de lidar com seus próprios conflitos internos, buscam chamar atenção dos outros para se sentir mais poderoso e importante. Por isso quando as escolas abordam essas situações apenas de forma

punitiva, sem considerar os fatores que contribuem para tal fato, se mostra uma medida errônea de lidar com essas manifestações, pois ignora o principal ponto, é vítima tanto quem pratica, quanto quem sofre.

A escola desempenha papel fundamental no desenvolvimento do sujeito em todas as suas funções, é um espaço de convívio e até de autoconhecimento, constitui-se em um espaço de socialização e convivência, oportuniza a socialização e auto reconhecimento.

Ao promover debates, rodas de conversas, palestras, a escola amplia o conhecimento de seus educandos e corrobora para uma conscientização, mas não somente importante falar para eles ouvirem, mas convidar os mesmo a serem protagonistas de seus próprios conhecimentos, por consequência, de sua própria conscientização.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil dos estudantes da Escola pesquisada é muito interessante, são filhos de pescadores, agricultores, comerciantes, coletores de frutas. Em sua maioria, os filhos trabalham ajudando seus pais. São estudantes que se desdobram entre a escola e seus estudos, alunos que com 11 de idade acompanham seus pais no barco de pesca, ou vão para a mata tirar açaí, e contribuir com a renda da família, tanto meninas quanto meninos, prática que como foi exposto, de acordo com o ECA caracteriza-se como trabalho infantil. A escola para eles, em alguns momentos, além de um espaço formativo é, um lugar de socialização, nesse espaço, sentem-se livres, para pensar e falar o que pensam e o que sentem, talvez até para “fugir” da realidade que vivem.

Durante a aplicação do questionário, os alunos mostraram-se bem receptivos, não houve resistência em responder. Desenvolvi com os alunos uma relação bem próxima, confesso que no início tive receio dessa relação interferir no meu papel enquanto pesquisadora, porém, foi o oposto, graças a relação de proximidade que foi estabelecida com os estudantes, a confiança que conquistei foi primordial para que as respostas fossem mais verídicas possíveis. Infelizmente, há poucas pesquisas científicas na área da educação acerca do fenômeno, algo que corrobora com a falta de compreensão sobre a temática.

Os palavrões, são quase hábito, fazem parte do cotidiano da vida dos estudantes, falam sem a intenção de ofender, algo que carece de atenção, principalmente em casa. Silva (2010) aborda que muitas vezes o fenômeno *bullying* começa em casa, o ensinamento da ética,

altruísmo, inicia no berço e se estende para o âmbito educacional, onde crianças e adolescentes passam a maior parte do seu tempo.

A pesquisa foi bastante satisfatória tendo em vista que os objetivos foram alcançados de maneira expressiva. O questionário se mostrou bastante eficiente, visto que foi objeto determinante para coleta e análise dos dados, bem como a observação que mostrou bastante eficácia no desenvolvimento de uma pesquisa.

A ida a campo foi condição *sine qua non* para o aproveitamento mais satisfatório dos dados apresentados, quando o pesquisador vai a campo ele interage com os sujeitos pesquisados, é a *práxis* sendo exercida. A academia mostra um mundo teórico e bibliográfico vasto e intenso, as vezes até difícil de compreender, quando o pesquisador se propõe ir a campo, essa teoria se personifica na realidade, contribuindo assim para a compreensão mais assertiva do pesquisador.

Atuar na educação para mim, é algo de profunda satisfação e também indignação, diante de um sistema falho, que tem suas raízes fundamentadas em uma cultura obsoleta, firmam-se de teorias tão sólidas e admiráveis, mas desconhecem a realidade de seu próprio público. As políticas públicas somam um grande avanço se considerarmos o século anterior, porém deixam de ser efetivadas pelos poderes públicos. Esquecem os governantes entretanto, que os países mais desenvolvidos não por coincidência, tem a educação de qualidade como principal objetivo.

Por fim, a escola também é lugar de acolher, educar para cidadania e não apenas para passar de ano, o sistema é um “ditador”, mas a escola é democrática, e deve ser para todos, a EMEFQMLLC busca estratégias para conter práticas comportamentais de *bullying*, mas esse trabalho dever ser coletivo, juntos sociedade, escola e Família, por uma educação mais justa e coerente. Percebe-se que os marcos legais instituídos acerca do fenômeno *bullying*, são como forma de alerta, visando a conscientização como tentativa de conter a propagação do problema. É na escola que o fenômeno se propaga, porém, a responsabilidade sobre essas manifestações não é de incumbência somente da escola, é preciso que as famílias estejam em alerta para esse fenômeno, e sobretudo presente nas escolas, na vida dos estudantes, participando da vida de seus filhos, dialogando com a escola para uma sociedade mais justa, ou no mínimo, mais tolerante.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. **Bullying**: Prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo. V. 16, nº 1, Janeiro/Junho de 2012: 35-44.
- BESERRA, Maria Aparecida *et al.*, **Prevalência de violência na escola e uso de álcool e outras drogas entre adolescentes**. *Revista latino-Am. Enfermagem*, 2019;27:e 3110.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Corrêa. **Educar: Ousar utopias- Da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria**. Universidade Federal de Uberlândia- 4ª semana do Servidor e 5ª Semana acadêmica. 2008.
- BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil**. [recurso eletrônico] — Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.
- BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA\_ Estatuto da Criança e do Adolescente**.
- BRASIL. Lei nº 13.185/2015, de 06 de novembro de 2015. **Institui o programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivi\\_03/ato2015-2018/2015/lei/13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivi_03/ato2015-2018/2015/lei/13185.htm). Acessado em: 24 de outubro de 2023.
- BRASIL. Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016. **Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1,p.3,2 Maio de 2016.
- BRASIL. Ministério da educação. **Bullying**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acessado em: 24 de outubro de 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**- 4 ed.- São Paulo: Atlas, 2002.
- Guia [de] elaboração de trabalhos acadêmicos/** Rose Suellen Lisboa (org.). – 3. Ed., rev., ampli. e atual.—Belém: Universidade Federal do Pará, Biblioteca Central, 2023.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica/** Marina de Andrade Markoni, Eva Maria Lakatos. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas 2003.
- LISBOA, Carolina *et al.*, **O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade**. *Contextos Clínicos*, vol. 2, n. 1, janeiro-junho, 2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Bullying e a Violência Escolar**. Suas consequências e como combatê-las. Julho 2023. Disponível em:

<http://www.unicef.org/brazil/blog/Bullying-e-violencia-escolar>. Acessado em: 14 de Novembro de 2023.

ORSOLON, L. A. M. **Trabalhar com as famílias**: uma das tarefas da coordenação. In: PLACCO, Vera; ALMEIDA, Laurinha. O Coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. São Paulo: Edições Loyola, 2014. e-PUB.

PEREIRA, E.A. FERNANDES, G. AGILO, D.D.D. **O Bullying escolar na legislação brasileira**: uma análise documental. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 48, e249984, 2022.

SANTOS, A.M.D., GROSSI, P.K. SCHERER, P.T. **Bullying nas escolas**: a metodologia dos círculos restaurativos. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 2, p.278-287. Maio-Agosto, 2014.

SARTORI, Evelise Philip. SHERER, Alessandra d'Ávila. **Bullying no contexto escolar**: uma análise da percepção de professores do ensino fundamental sobre o fenômeno. [S. l. ] 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. [Livro eletrônico] 1ed—São Paulo: Cortez, 2014.

SIEFERT, Alfredina. **Bullying não**. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Jaguariaíva, 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa (orgs.). Concelho Nacional de Justiça, **Cartilha de Combate ao Bullying**. Brasília, editora do CNJ, 2010.

SILVA, F., DASCANIO, D., VALLE, T.G.M.D. **O fenômeno Bullying, diferenças entre meninos e meninas**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24. n. 1, p. 26-46. Jan/Abr. 2016.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e; SALLES, Leila Maria Ferreira. **A violência na escola**: abordagens teóricas e propostas de prevenção. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010. Editora UFPR.

SOARES, Hugo Leonardo Rodrigues *et al.*, **Cérebro e o uso de drogas na infância e adolescência**. Revista de Psicologia, v. 22- n.3, p. 639-640, Set/Dez. 2010.

SOUZA, Christiane Pantoja de; ALMEIDA, Léo César Parente de. **Bullying em ambiente escolar**. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer- Goiânia, Vol.7. N.12; 2011 pág. 179-190.

SOUZA, Renata Pereira Rocha Garcia. **Fenômeno Bullying no ambiente escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte 2015.

VASCONCELOS, Flávia Maria dos Santos. **Meninas Empoderadas**: Um estudo sobre resiliência e Bullying entre pares na escola. Dissertação de Mestrado, Universidade Rural de Pernambuco. Recife, 2018.

VEIGA, Ilma Passos e RESENDE, Lúcia M. G. de (orgs.). **Escola**: espaço do projeto político— pedagógico. Campinas: Papirus, 1998.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 1 ed. São Paulo: Ícone/ Editora da USP, 1988.

**APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS ESTUDANTES DA  
EMEFQMLLC.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO**

**MANIFESTAÇÕES DE BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: Uma análise pertinente.**

**Resumo:** O presente questionário é parte integrante da pesquisa que está sendo elaborada com objetivo de analisar se as manifestações comportamentais de estudantes de uma escola pública do ensino fundamental caracterizam-se como *Bullying*. Esta investigação consiste em levantar informações e analisar práticas comportamentais de adolescentes do 6º ao 9º ano do ensino Fundamental em uma escola pública, no município de Salvaterra-Marajó. Os dados levantados por este questionário são confidenciais e só serão usados como dados e fontes de pesquisa.

**Professora Orientadora:** Crisolita G. dos Santos Costa.

Obrigada por sua colaboração!

Assinale com um **X** na alternativa que mais se identifica.

Ano: 6º ( ) 7º ( ) 8º ( ) 9º ( )

Turno: Manhã ( ) Tarde ( )

1. **Idade:** \_\_\_\_\_

2. **Sexo:** \_\_\_\_\_

3. **Com quem reside?**

( ) Mãe ( ) Pai ( ) Mãe e Pai ( ) Outros, quem? \_\_\_\_\_

4. **Qual a escolaridade de seu Pai?**

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior
- 5. Qual a escolaridade de sua mãe?**
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior
- 6. Qual a escolaridade de seu responsável (só responda se morar com “Outros”)?**
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior
- 7. Já fez uso de alguma substância entorpecente como: drogas, álcool, cigarro, cravinho, VAPE, entre outros...?**
- Sim  Não
- Se SIM, qual? \_\_\_\_\_ Com que idade? \_\_\_\_\_
- Com qual frequência?  uma vez  duas vezes  três ou mais.
- 8. Você costuma se envolver em atos de brigas?**
- Sim  Não
- Se sim, com qual frequência?  uma ou duas vezes  três ou mais  frequentemente
- 9. Você já provocou colegas?**
- Sim  Não
- De que maneira? \_\_\_\_\_
- 10. Já sofreu algum tipo de perseguição por parte de outro (s) colega(s)?**
- Sim  Não
- Se SIM, assinale. (*Pode ser mais de uma*)
- Empurraram-me com violência
- Me ameaçaram
- Me humilharam
- Bateram-me
- Me chamaram por nomes ofensivos (palavrões)

- Levantaram mentiras a meu respeito (disseram coisas más de mim e da minha família)
  - Excluíram-me (não quiseram conviver comigo)
  - Estragaram-me objetos, materiais escolares ou roupas, de propósito
  - Me tocaram contra a minha vontade
- Sofri outras agressões ou perseguições, qual? \_\_\_\_\_

**11. Com qual frequência você sofreu essa perseguições?**

- uma vez  duas vezes ou três  quatro ou mais  frequentemente.

**12. Você já perseguiu algum colega de forma intencional?**

- Sim  Não

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

**Quantas vezes?**

- uma vez  duas vezes ou três  quatro ou mais  frequentemente.

**13. Já portou armas?**

- Sim  Não

Se SIM, em qual situação? \_\_\_\_\_

Qual arma? \_\_\_\_\_

**14. Você sabe o que é ou já ouviu falar de Bullying na escola?  Sim  Não.**

Se SIM, por quem? \_\_\_\_\_

Quantas vezes?

- uma ou duas vezes  três ou quatro vezes  cinco ou mais  sempre.

**15. Já presenciou atos de violência, indisciplina ou Bullying na escola?**

- Sim  Não

Se SIM, quais? \_\_\_\_\_

Contra quem? \_\_\_\_\_

**16. Você acha que já sofreu Bullying alguma vez na escola?  Sim  Não.**

Se você respondeu SIM, quantas vezes aconteceu?

- Uma vez  Duas vezes  Três vezes ou mais  Todos os dias.

**Sendo SIM, quem praticou ou pratica Bullying com você?**

- A mesma pessoa  Pessoas diferentes  um grupo de colegas.

**Sendo SIM, qual forma de Bullying foi feita contra você?**

- Apelidos  Ameaças  violência física  Te excluiu

**17. E na posição de autor, você já fez “brincadeiras” com alguém que o deixou constrangido ou intimidado?  Sim  Não.**

Se SIM, quantas vezes? ( ) Uma ou duas vezes ( ) Três ou quatro ( ) várias vezes.

**18. Você sabia que essas “brincadeiras” podem ser consideradas Bullying?**

( ) Sim ( ) Não

**19. Você acha importante a escola falar sobre o Bullying com os alunos?**

( ) um pouco ( ) Muito importante ( ) Não é importante.

**20. Como você classifica sua relação com seus professores?**

( ) Péssima ( ) boa ( ) muito boa

**21. Como você classifica sua relação com a direção da escola?**

( ) péssima ( ) boa ( ) muito boa

**22. Como você classifica sua relação com os seus colegas de sala de aula?**

( ) péssima ( ) boa ( ) muito boa

**23. Como você classifica sua relação com os colegas das outras salas de aula?**

( ) péssima ( ) boa ( ) muito boa

**24. Na sua opinião, quais comportamentos mais atrapalham a aula?**

---

---

**25. Quais suas sugestões para melhorar as relações no ambiente escolar?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**Obrigada pela colaboração.**

**Sua participação é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa proposta.**

**Abraços\*.**

## APÊNDICE B — FOTOS DA ESCOLA PESQUISADA

Figura 1- Imagem da entrada da escola.



Fonte: Autora 2023.

Figura 2- Corredor do Bloco 01



Fonte: Autora 2023.

Figura 4- sala de aula.



Fonte: Autora 2023.

Figura 3- Vista do corredor que dá acesso aos banheiros.



Fonte: Autora 2023.

Figura 5- Área e corredor do bloco 02.



Fonte: Autora 2023.